

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde - CEDESS
Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde

MARIANA RAMALHOSO ALVES

**ESTÁGIO NA CLÍNICA ESCOLA DE NUTRIÇÃO: PERCEPÇÃO E
APRENDIZADOS DOS ESTUDANTES**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Paulo, *campus* São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Ensino em Ciência da Saúde.

SÃO PAULO

2022

MARIANA RAMALHOSO ALVES

**ESTÁGIO NA CLÍNICA ESCOLA DE NUTRIÇÃO: PERCEPÇÃO E
APRENDIZADOS DOS ESTUDANTES**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Paulo, *campus* São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Ensino em Ciência da Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Fernanda Petrolí Frutuoso

**SÃO PAULO
2022**

ALVES, Mariana Ramalho

Estágio na Clínica Escola de Nutrição: Percepção e Aprendizados dos Estudantes / Mariana Ramalho Alves. - São Paulo, 2022.

XIV, 68f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde.

Título em inglês: Internship at the Nutrition School: Perception and Learning of Students.

1. Nutricionistas. 2. Saúde Coletiva. 3. Aprendizagem. 4. Educação Superior

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde - CEDESS
Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde

Diretor de departamento:

Prof. Dr. Nildo Alves Batista

Coordenadora do curso de pós-graduação:

Profa. Dra. Lucia da Rocha Uchoa Figueiredo

DEDICATÓRIA

À minha filha Manuela, minha preciosa. Ter você foi o que me sustentou em muitos momentos.

Aos meus pais, Marisa e Marcos, que são a minha fortaleza, meu apoio e com quem posso contar em qualquer momento. Nada disso seria possível sem vocês.

Às grandes mulheres com quem tive o privilégio de conviver, minhas avós Esther (*in memoriam*) e Maria (*in memoriam*), que devem estar orgulhosas de mim hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por esta vida e pelas pessoas maravilhosas que estão em meu caminho.

Agradeço aos meus pais por todo suporte e a minha filha pelo amor e paciência.

Agradeço ao meu tio Wellington e ao meu irmão Rafael pelas conversas e apoio nesta jornada.

Agradeço à minha orientadora, Maria Fernanda Petrolí Frutuoso, que escolhi sem a conhecer e que me aceitou sem saber quem eu era também, e que foi realmente a minha direção neste caminho. Acredito que não foi por acaso. Não tenho palavras para agradecer a paciência, a compreensão e a confiança que depositou em mim. Com seu jeito doce de falar sempre me passou muita segurança e não deixou que me desesperasse em momento algum. Minha admiração à você!

Agradeço à Faculdade Anhanguera de Guarulhos, por ter aberto as portas para minha pesquisa e por ter sempre apoiado meu crescimento.

Agradeço à minha coordenadora e parceira, Sofia E.C.F. Vicente, que sempre me apoiou e me incentivou.

Agradeço às amigas que a Anhanguera me deu, Luciana, Renata e Karina, que estiveram ao meu lado e foram muito importantes para mim neste momento.

Às dedicadas preceptoras de estágio, Karina, Adriana e Beatriz, que não medem esforços para que nossos estagiários amem a ciência da Nutrição e o Ser humano, como amamos.

Aos meus amigos de turma, professores e funcionários do CEDESS! Nossos encontros presenciais eram sempre muito especiais, regados de ótimos cafés, broas, geleias, bolos e muito carinho! Que Deus ilumine o caminho de cada um.

“A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”

Paulo Freire

RESUMO

Objetivo: Analisar o estágio realizado na Clínica Escola de Nutrição (CEN) de uma Instituição de Ensino Superior (IES) particular da grande São Paulo, considerando a percepção do estudante do último ano de graduação em Nutrição. **Métodos:** Pesquisa com abordagem qualitativa e descritiva, sendo a primeira etapa a análise documental da grade curricular do curso de Nutrição, avaliando sequência, conteúdo programático e meio de oferta das disciplinas relacionadas à área de Saúde Coletiva; do manual de estágio e protocolos de atendimento utilizados na CEN. A segunda etapa consistiu na realização de duas oficinas, com o universo de estudantes que concluíram o estágio na CEN no segundo semestre de 2020 (12 alunas). A análise dos dados partiu do referencial teórico da análise de conteúdo, modalidade temática. **Resultados:** O Manual de Apoio da CEN, assim como os protocolos utilizados estão voltados a uma visão biologicista, sem abordar aspectos mais ampliados do cuidado alimentar e nutricional. A configuração de um guia, de um caminho a ser seguido, pode não estimular a autonomia e a visão crítica do aluno sobre a atuação na CEN. Na grade curricular é possível notar a presença de disciplinas direcionadas ao olhar ampliado sobre o homem e a sociedade somente nos dois primeiros e dois últimos semestres. A ausência de disciplinas que se enquadrem na área social por dois anos do curso pode distanciar o estudante destes temas, que são retomados somente no último ano, momento em que há grande preocupação com estágios, Trabalho de Conclusão de Curso e finalização da graduação. O fato da disciplina de Saúde Coletiva ser ministrada concomitantemente ao estágio pode impactar na aprendizagem, uma vez que as estudantes não relataram com nitidez a relação entre a área e o estágio, como nas demais disciplinas. As alunas concordaram que as disciplinas cursadas anteriormente ganham sentido no estágio e reconheceram a oportunidade de recapitular e aplicar teorias. Quanto a orientação e a supervisão, percebem divergência de opiniões entre as três profissionais que acompanham as atividades, entendidas como positiva, na medida em que deslocam as estudantes para a discussão e tomada de decisão, indicando que o processo de ensino e aprendizagem pode estar pautado no protagonismo discente. Destacam o acolhimento como um ponto importante. Consideram o Manual e protocolos utilizados de fácil acesso, mas apontam alguns pontos confusos ou ausentes no material disponibilizado. A pandemia trouxe insegurança, como o medo da contaminação pelo vírus e da perda do emprego, que levaria a interrupção do curso, além da insegurança referida na prática do atendimento ambulatorial. **Conclusões:** As estagiárias estabelecem uma frágil relação entre o estágio na CEN e a disciplina de Saúde Coletiva, entretanto o consideram uma experiência importante para a formação. As supervisões e o Manual são apontados como facilitadores da aprendizagem, enquanto o momento de oferta de algumas disciplinas no Curso pareceu influenciar negativamente o aprendizado. A pandemia foi apontada como um fator que influenciou tanto nas atividades do estágio, como na aprendizagem, diante da sobrecarga e inseguranças. Há necessidade de repensar a proposta de estágio, fortalecendo a relação das ações ao campo da Nutrição em Saúde Coletiva e provendo maior segurança para as atividades a serem desenvolvidas, como o contato com o paciente.

Descritores: Nutricionistas; Saúde Coletiva; Aprendizagem; Educação Superior.

ABSTRACT

Objective: To analyze the internship carried out at the Clínica Escola de Nutrição (CEN) of a private Higher Education Institution (HEI) in Greater São Paulo, considering the perception of the student in the last year of graduation in Nutrition.

Methods: Research with a qualitative and descriptive approach, the first step being the documentary analysis of the curriculum of the Nutrition course, evaluating the sequence, program content and means of offering disciplines related to the area of Public Health; the internship manual and care protocols used at CEN. The second stage consisted of carrying out two workshops, with the universe of students who completed their internship at CEN in the second half of 2020 (12 female students). Data analysis started from the theoretical framework of content analysis, thematic modality.

Results: The CEN Support Manual, as well as the protocols used, are aimed at a biological perspective, without addressing broader aspects of food and nutritional care. The configuration of a guide, of a path to be followed, may not stimulate the student's autonomy and critical view of the performance at CEN. In the curriculum, it is possible to notice the presence of disciplines aimed at a broader view of man and society only in the first two and last two semesters. The absence of disciplines that fall within the social area for two years of the course can distance the student from these themes, which are resumed only in the last year, when there is great concern with internships, Course Conclusion Work and graduation. The fact that the Public Health subject is taught concomitantly with the internship can impact learning, since the students did not clearly report the relationship between the area and the internship, as in the other subjects. The students agreed that the subjects taken previously gain meaning in the internship and recognized the opportunity to recapitulate and apply theories. As for guidance and supervision, they perceive a divergence of opinions among the three professionals who accompany the activities, understood as positive, as they move students for discussion and decision-making, indicating that the teaching and learning process can be based on student protagonism. They emphasize welcoming as an important point. They consider the Manual and protocols used to be easily accessible, but point out some confusing or missing points in the material available in the practice of outpatient care.

Conclusions: The interns establish a fragile relationship between the internship at CEN and the Public Health discipline, however they consider it an important experience for their training. Supervisions and the Manual are pointed out as facilitators of learning, while the timing of offering some subjects in the Course seemed to negatively influence learning and insecurities. There is a need to rethink the internship proposal, strengthening the relationship of actions to the field of Nutrition in Collective Health and providing greater security for the activities to be developed, such as contact with the patient.

Descriptors: Nutritionists; Public Health; Learning; College education.

Sumário

Dedicatória.....	iv
Agradecimentos.....	v
Epígrafe.....	vi
Resumo.....	vii
Abstract.....	viii
Lista de quadros.....	xii
Lista de siglas.....	xiii
APRESENTAÇÃO.....	1
1 INTRODUÇÃO.....	4
1.1 Formação na área de saúde.....	5
1.2 Histórico da área da Nutrição e da formação do Nutricionista.....	6
1.3 O nutricionista como educador na Saúde Coletiva.....	9
1.4 O curso de Nutrição da Faculdade Anhanguera de Guarulhos e o Estágio na Clínica Escola de Nutrição (CEN).....	11
2 OBJETIVOS.....	18
2.1 Objetivo geral.....	19
2.2 Objetivos específicos.....	19
3 MÉTODOS.....	20
3.1 Delineamento do estudo.....	21
3.2 População e local do estudo.....	21
3.3 Coleta de dados.....	21
3.4 Análise dos dados.....	24
3.5 Aspectos éticos.....	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
4.1 Grade curricular, oferta e ementas das disciplinas discutidas nas oficinas.....	26
4.2 Manual de Apoio e Protocolos da Clínica Escola de Nutrição.....	32
4.3 O que as estudantes pensam sobre as disciplinas teóricas e o estágio na CEN?.....	33

4.4 O que as estudantes pensam sobre a orientação do estágio e os materiais da CEN?.....	40
4.5 Quais os desafios e inseguranças de estagiar na CEN?.....	46
5 CONCLUSÕES.....	51
REFERÊNCIAS.....	53
Apêndice A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO....	60
Apêndice B - ORIENTAÇÃO E ROTEIRO DAS OFICINAS.....	62
Anexo 1 – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP.....	64
Anexo 2 – Carta de autorização da IES para a realização da pesquisa.....	68

Lista de quadros

Quadro 1.	Estrutura curricular dos ingressantes de 2017.2.....	26
Quadro 2.	Ementas das disciplinas discutidas nas oficinas.....	30
Quadro 3.	Estágio na CEN e as disciplinas teóricas na graduação.....	34
Quadro 4.	Relação com as preceptoras e supervisora de estágio na CEN.....	40
Quadro 5.	Estratégias de apoio ao estágio na CEN: manual e protocolos.....	44
Quadro 6.	Desafios e inseguranças do estágio na CEN.....	46

Lista de siglas

ABN	Associação Brasileira de Nutricionistas
Cedess	Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde
CEN	Clínica Escola de Nutrição
CFE	Conselho Federal de Educação
CFN	Conselho Federal de Nutricionistas
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DCNTs	Doenças Crônicas Não Transmissíveis
EAN	Educação Alimentar e Nutricional
ED	Educação à Distância
Etec	Escola Técnica Estadual
Fies	Financiamento ao Estudante de Ensino Superior
HAS	Hipertensão Arterial Sistêmica
IES	Instituição de ensino Superior
IMC	Índice de Massa Corporal
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
Nasf	Núcleo Ampliado de Saúde da Família
NDE	Núcleo Docente Estruturante
PET-Saúde	Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde
Pnan	Política Nacional de Alimentação e Nutrição
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
Pronan II	Programa Nacional de Alimentação e Nutrição II
Pró-Saúde	Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde
ProUni	Programa Universidade para Todos
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNG	Universidade de Guarulhos
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
Saps	Serviço de Alimentação e Previdência Social
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TICs Tecnologias de Informação e Comunicação

APRESENTAÇÃO

A Nutrição, suas diferentes áreas e interfaces fazem parte da minha trajetória de vida desde o ano de 2002, quando ingressei no curso técnico de Nutrição e Dietética. No ano de 2004, iniciei o curso de graduação em Nutrição na Universidade de Guarulhos (UNG), onde tive certeza de que era realmente essa profissão que queria seguir.

Durante a graduação realizei estágio extracurricular no programa Bom Prato, na Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo e o último estágio obrigatório que cumpri foi no Hospital Carlos Chagas, de Guarulhos, pelo qual fui contratada posteriormente. Em 2008, ingressei no curso de especialização em Educação em Saúde do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS), da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), pois a área da educação sempre me encantou. Após a conclusão desta especialização, por atuar ainda na área hospitalar e necessitar aprofundar meus conhecimentos técnicos na área clínica ingressei em outro curso de especialização, agora em Terapia Nutricional e Nutrição Clínica, pelo GANEP Nutrição Humana Ltda., concluído em 2011.

Atuei como nutricionista clínica e na produção de refeições em diferentes hospitais localizados no estado de São Paulo. Minha primeira experiência na área da educação foi em 2010, quando atuava como nutricionista clínica no Hospital Carlos Chagas, lecionando para o Curso Técnico em Enfermagem.

No ano de 2012, atuei na supervisão da alimentação escolar, em um contrato temporário de seis meses na Prefeitura de São Paulo. Sendo essa a minha experiência profissional mais diretamente relacionada às políticas públicas e a área de Saúde Coletiva.

No início de 2013, quando ainda atuava em um Hospital Estadual Infantil, fui selecionada em um processo seletivo e iniciei como docente do curso de graduação em Nutrição da Faculdade Anhanguera de Guarulhos, posteriormente fui convidada a assumir a supervisão de estágios na área de Nutrição Social.

No período de 2014 a 2016, lecionei no curso Técnico em Nutrição e Dietética do Centro Paula Souza, na Escola Técnica Estadual (ETEC) Cidade Tiradentes e na ETEC Parque Belém, ambas na zona leste de São Paulo, em um contrato temporário.

Durante minha trajetória profissional na Faculdade Anhanguera de Guarulhos, diferentes disciplinas foram atribuídas a mim, tanto voltadas para a área da Nutrição

Clínica, relacionada a minha prática anterior, como voltadas para a área de Saúde Coletiva, a qual não tive muitas experiências anteriores.

A partir de 2019, assumi uma nova função na Faculdade Anhanguera de Guarulhos, de coordenadora da Clínica Escola de Nutrição (CEN), me responsabilizando pelos processos administrativos, além de supervisionar os estudantes neste campo de estágio, um dos possíveis da área de Nutrição Social. Atualmente esta é minha principal prática dentro da instituição.

1.1 Formação na área de saúde

O modelo sugerido a partir do relatório Flexner, publicado em 1910 nos Estados Unidos da América, teve grande influência na formação médica e de outras áreas da saúde, tanto no Brasil, como em outros países. Propôs a reestruturação do modelo de ensino médico, considerando a doença um processo natural, biológico, sem levar em consideração o contexto social, o coletivo, o público e a comunidade como influenciadores do processo de saúde-doença-cuidado, valorizando o ambiente hospitalar como fonte de estudo, conduzindo à uma visão reducionista da prática médica (PAGLIOSA e DA ROS, 2008).

Frutuoso, Junqueira e Capozzolo (2017) abordam que o histórico das práticas dos profissionais da saúde resultou na especialização, na fragmentação do conhecimento e práticas, na tecnificação e no biologicismo. Destacam ainda que os resultados são pouco efetivos quando não consideram as dimensões sociais, subjetivas, culturais e simbólicas, que estão relacionadas ao processo saúde-adoecimento-cuidado.

A história da prática clínica dos profissionais da saúde é marcada por uma atuação voltada para os aspectos biomédicos, que interfere na relação profissional-paciente, e é caracterizada pela culpabilização do paciente pelo seu adoecimento (DEMÉTRIO *et al.*, 2011).

A Constituição Federal Brasileira, de 1988, trouxe consigo orientação para um modelo de atenção baseado na promoção à saúde, colocando parâmetros importantes para a elaboração de novas políticas públicas, requerendo novos saberes e práticas, demandando às instituições formadoras dos profissionais de saúde a reformulação do ensino, na perspectiva do Sistema Único de Saúde (SUS) (BATISTA *et al.*, 2015).

Desde a década de 1990, após o nascimento do SUS, foram implementados programas de qualificação da formação de profissionais de saúde, como o Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde) e o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde). Sendo estes programas considerados potências significativas como políticas indutoras da reorientação em saúde, integrando ensino-serviço e a formação interprofissional (BATISTA *et al.*, 2015).

1.2 Histórico da área da Nutrição e da formação do Nutricionista

Desde a década de 1930, com o aprofundamento do capitalismo na América Latina, houve uma conseqüente capitalização do setor da saúde, demandando a especialização na formação dos profissionais e por conseguinte, alterando a divisão técnica do trabalho em saúde. Neste cenário, surgem novas profissões, uma delas, a do nutricionista, primeiramente voltado ao atendimento assistencial hospitalar (COSTA, 1999)

Surge, portanto, nesta década o campo da Alimentação e Nutrição no Brasil. Em 1932, Heitor Annes Dias inicia uma vertente social da nutrição, direcionada para os aspectos coletivos, sociais e econômicos, sendo Josué de Castro participante deste grupo, divulgando importantes documentos denunciando a fome como problema social. Na década de 1940, esta vertente deu origem à alimentação institucional, voltada para administração da alimentação de coletividades doentes e sadias (MOTTA, OLIVEIRA e BOOG, 2003). Entre as décadas de 1950 e 1960, originou-se a Nutrição em Saúde Pública (VASCONCELOS, 2001; VASCONCELOS e BATISTA-FILHO, 2011).

A formação no campo da Alimentação e Nutrição iniciou após a Reforma Francisco Campos de 1931, durante o governo Getúlio Vargas. Em 1939, foi criado o primeiro curso de nutricionistas no Brasil, no Instituto de Higiene da Universidade de São Paulo, hoje Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, porém o curso só foi reconhecido no ano de 1962, pelo Conselho Federal de Educação (CFE), sendo fundamental o empenho da Associação Brasileira de Nutricionistas (ABN), fundada em 31 de agosto de 1949, nesta luta. O currículo era constituído por disciplinas básicas das áreas biológica e química e disciplinas específicas das áreas de nutrição e saúde pública, incluindo estágios nas diversas áreas de atuação do profissional, com um curso com duração de três anos (VASCONCELOS, 2001; MOTTA, OLIVEIRA e BOOG, 2003; FRAUCHES, 2004; VASCONCELOS e CALADO, 2011).

Em paralelo ao surgimento desta área de formação, há a criação de uma política social extremamente marcada pelo assistencialismo no Brasil, que visava usar a alimentação como um instrumento de manipulação das classes subalternas. Órgãos

públicos de saúde criados na década de 1940, como o Serviço de Alimentação e Previdência Social (SAPS), necessitando de pessoal especializado, organizaram cursos de formação a partir de 1943, com auxiliares técnicos em alimentação, dietistas e mais tarde nutricionistas (COSTA, 1999).

Apesar de diferentes perspectivas que influenciaram a organização do ensino em Nutrição, a formação concentrou-se principalmente em preparar estes profissionais para atuarem na área clínica, como foco principal em hospitais, e na área de alimentação institucional. E ainda, como em outras áreas da saúde, este tipo de formação fortaleceu a fragmentação de conhecimentos e práticas, a especialização, o tecnicismo e o biologicismo (FRUTUOSO; JUNQUEIRA; CAPOZZOLO, 2017).

Até a década de 1960, as escolas de Nutrição formavam dietistas, considerados auxiliares do médico e a ele subordinados. A partir da preocupação com a prática do diagnóstico nutricional, houve um deslocamento da categoria de dietista para nutricionista, avançando nas perspectivas preventivas e curativas. Com foco na assistência nutricional ao paciente enfermo, surge o nutricionista clínico, que ainda permanece como subalterno aos médicos nutrólogos (COSTA, 1999; DEMÉTRIO *et al.*, 2011)

Na origem da Nutrição Clínica, esta era voltada para aspectos biológicos e clínico-fisiológicos associados ao consumo de nutrientes (FRUTUOSO, JUNQUEIRA e CAPOZZOLO, 2017), ou seja, o foco no alimento como agente de tratamento de doenças. Atualmente, ainda temos a valorização das instituições hospitalares, sendo a formação clínica dos nutricionistas centrada na lógica hospitalocêntrica, com foco na doença, deixando em segundo plano o doente, não considerando aspectos socioculturais e psicológicos (DEMÉTRIO *et al.*, 2011).

A expansão dos cursos de ensino superior na área da Nutrição se inicia na década de 1970, a partir da Reforma Universitária, instituída pela lei 5.540 de 1968, em conjunto com a criação do Pronan II (Programa Nacional de Alimentação e Nutrição II), que continha em suas diretrizes o apoio à realização de pesquisas e capacitação de recursos humanos (COSTA, 1999; SILVA, 1995; DEMÉTRIO *et al.*, 2011)

Desde 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), houve um crescimento expressivo do número de cursos, especialmente no setor privado (VASCONCELOS e CALADO, 2011). Políticas públicas implantadas na

década de 2000 também contribuíram significativamente para a expansão do ensino superior no setor privado, como o Programa Universidade para Todos (ProUni), de 2004, e a criação do Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior (FIES), de 1999 (NEVES *et al.*, 2019).

Neves *et al.* (2019) verificaram que entre os anos de 2009 e 2018 houve um aumento de 181,5% no número de cursos de graduação em Nutrição presenciais no Brasil. Em 2009, eram 391 cursos, sendo 67 em instituições públicas e 324 em instituições privadas. No final de 2018, havia 1.803 cursos ofertados no país, sendo 709 presenciais (77 em instituições públicas e 632 em instituições privadas) e 1.094 na modalidade de ensino à distância.

Com a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do curso de Nutrição em 2001, ampliou-se o debate a respeito da atuação deste profissional na área de Saúde Coletiva, especialmente com o objetivo de fortalecimento do SUS, devendo ele ser capaz de compreender a realidade da população, a fim de prestar um atendimento integral e humanizado, trabalhando em equipes multidisciplinares. A formação educacional possui a responsabilidade de prepará-lo para o desenvolvimento de ações voltadas à promoção, à proteção e à recuperação da saúde, tanto em nível individual como no âmbito coletivo (NEVES, SOUSA e VASCONCELOS, 2014).

A partir deste novo cenário de prática, tornou-se necessária uma nova discussão a respeito do processo formativo e se este atende ao perfil profissional esperado do egresso. Para isso, são definidas algumas estratégias para integrar o mundo do trabalho e do ensino, com foco em uma formação generalista, com trabalho multidisciplinar, com diversificação dos cenários de prática e a utilização de metodologias ativas de aprendizagem (DEMÉTRIO *et al.*, 2011).

Diante do processo de reformulação nos cenários de práticas em saúde, devido a demanda do SUS, há a necessidade de desenvolver competências comunicacionais e de ampliar o olhar técnico-nutricional perante o processo saúde-adoecimento-cuidado, como pontos importantes para uma mudança na relação nutricionista-paciente, objetivando o cuidado humanizado (DEMÉTRIO *et al.*, 2011).

Frutuoso, Junqueira e Capozzolo (2017) abordam que as práticas normativas e prescritivas, frequentemente adotadas por nutricionistas, são insuficientes para lidar

com os diversos aspectos relacionados à alimentação e nutrição e propõe abertura para a inovação e construção de novas formas de atuação profissional compartilhada.

1.3 O nutricionista como educador na Saúde Coletiva

Entre as décadas de 1940 e 1960, a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) estava voltada às campanhas de incentivo ao consumo de novos alimentos, além de ações voltadas à população de baixa renda, considerada ignorante à época, em tempos de elevada prevalência de fome e desnutrição. A fim de atender a esta população, foram desenvolvidos instrumentos com o objetivo de ensinar o pobre a comer (SANTOS, 2005).

A partir de meados de 1970, a suplementação alimentar passou a nortear as políticas públicas. Importantes discussões a respeito de novas concepções da EAN começam a surgir, como a Educação Nutricional Crítica que identificava a incapacidade da EAN, de forma isolada, em promover alterações nas práticas alimentares (SANTOS, 2005).

A 1ª edição da Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), publicada em 1999, traz a educação nutricional como eixo de intervenção na 4ª diretriz (RECINE *et al.*, 2016). E a Resolução do Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) n.º 600/2018, que dispõe sobre a definição das áreas de atuação do nutricionista e suas atribuições, aponta que umas das competências do Nutricionista na área de Nutrição em Saúde Coletiva, é:

Prestar assistência dietoterápica e promover a educação alimentar e nutricional a coletividades ou indivíduos, sadios ou enfermos, em instituições públicas ou privadas, e em consultório de nutrição e dietética (BRASIL, 2018, p. 31).

Atualmente diversas políticas públicas e programas nacionais estão voltados para a promoção da alimentação saudável. Entretanto, para que estas políticas públicas sejam efetivas é importante compreender a alimentação em todas as suas dimensões: a do direito humano, a biológica, e sociocultural, a econômica e a ambiental. No contexto de complexos sistemas alimentares que influenciam nossas escolhas, devem ser desenvolvidas ações voltadas às pessoas, com atividades

educativas e de apoio, e também medidas voltadas para o ambiente em que vivem (CASTRO, 2015).

A EAN é considerada uma estratégia fundamental para a prevenção e controle dos problemas alimentares e nutricionais contemporâneos, contribuindo no manejo das doenças crônicas não transmissíveis (DCTNs) e deficiências nutricionais, além de ser ferramenta para redução do desperdício de alimentos e a promoção do consumo sustentável (BRASIL, 2012)

Santos (2005) aponta que é fundamental a discussão a respeito das abordagens teórico-metodológicas utilizadas nas práticas educativas em alimentação e nutrição, enfatizando que tecnologias da informação e comunicação (TICs) trazem muitos dados e informações e, no entanto, não devem substituir a educação. Mesmo que intermediado pelas tecnologias, o diálogo deve ser privilegiado.

Atualmente, as intervenções de EAN estão voltadas para a mudança de comportamento do indivíduo, ainda com enfoque predominante no saber técnico-científico, sem considerar os aspectos sociais e históricos, bem como a corresponsabilização na construção de pensamento crítico e/ou práticas alimentares. Neste sentido, o Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para Políticas Públicas é documento de apoio na reflexão e orientação do tema no país (BRASIL, 2012; CERVATO-MANCUSO, 2016).

Ressalta-se que a educação nutricional crítica deve nortear os conteúdos da disciplina EAN presente nos currículos de formação de nutricionistas, reduzindo o enfoque nos aspectos biológicos e técnicos, e discutindo determinantes sociais da fome e da desnutrição, e considerando, ainda, métodos e técnicas educativas (SANTOS, 2005).

Recine *et al.* (2016) destacam a necessidade de aprofundamento quanto à base teórica e conceitual da EAN na formação do nutricionista, além de integrar teoria e prática. Sugerem a integração da disciplina de EAN com as demais, visto que pode ser considerada uma disciplina instrumental, com habilidades e competências aplicadas em todos os campos de atuação profissional.

1.4 O curso de Nutrição da Faculdade Anhanguera de Guarulhos e o Estágio na Clínica Escola de Nutrição (CEN)

O curso de Bacharelado em Nutrição desta Instituição de Ensino Superior (IES) é oferecido desde 2000 (com outra Razão Social até 2012). Após este período, o curso passou por diversas mudanças, tanto institucionais, relacionadas ao modelo acadêmico, como nos recursos humanos, na coordenação e corpo docente.

Há oferta do curso na modalidade presencial nos períodos noturno e matutino, com carga horária total de 3200 horas. De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de 2020, do qual participei da elaboração, por fazer parte do Núcleo Docente Estruturante (NDE), este:

tem por finalidade formar profissionais qualificados para o exercício da Nutrição, com base no rigor científico e intelectual pautado em princípios éticos. Capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais dos seus determinantes. Capacitado a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano. (FACULDADE ANHANGUERA DE GUARULHOS, 2020, pg. 17)

De acordo com o Art. 7º das DCN do Curso de Graduação em Nutrição, a formação do nutricionista deve garantir o desenvolvimento de estágios curriculares, sob supervisão docente, contando com a participação de nutricionistas dos locais credenciados, sendo obrigatória a realização deste em três áreas de atuação: Nutrição Clínica, Nutrição Social e Nutrição em Unidades de Alimentação e Nutrição, devendo ter atividades eminentemente práticas. A carga horária mínima dos estágios deve ser de 20% do total do curso, distribuída igualmente entre as três áreas citadas anteriormente, sendo que a parte teórica não pode exceder 20% do total do estágio (BRASIL, 2001).

Nesta IES, a carga horária total prevista para o estágio obrigatório em cada uma das áreas é de 215 horas, sendo 17 horas teóricas e 198 horas práticas (corresponde ao período de 34 dias úteis com carga horária diária de 6 horas).

Os locais para a realização do estágio na área de Nutrição Social nesta IES são diversificados, abrangendo unidades básicas de saúde (UBS), que tenham nutricionista atuando no NASF (Núcleo Ampliado de Saúde da Família), Ambulatório da criança e do adolescente, Banco de Alimentos, Departamento de Abastecimento e Suprimentos da Alimentação da Secretaria de Educação da Prefeitura de Guarulhos, além da CEN da Faculdade Anhanguera de Guarulhos, onde alocamos a maior parte

dos estagiários, devido à dificuldade de manutenção das vagas externas. Cenário semelhante ao encontrado por Freitas (2020), em que as instituições participantes da pesquisa, majoritariamente particulares, citam como principais espaços para estágio nesta área as Clínicas Escola das IES e escolas privadas e públicas, voltadas à alimentação escolar.

A CEN pesquisada atende ambulatorialmente a população em geral. Segundo o último levantamento, referente aos anos de 2017 e 2018, o perfil predominante do público atendido é mulheres adultas, sedentárias, com obesidade ou sobrepeso (segundo Índice de Massa Corporal - IMC), sem risco aumentado para doenças cardiovasculares (segundo circunferência da cintura). A maioria não apresentou doenças e, quando presente, a mais prevalente foi a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS).

O estágio em Nutrição Social na CEN tem como atividades o atendimento individual, com avaliação antropométrica e nutricional, para a elaboração de um plano alimentar personalizado e orientações complementares, de acordo com o perfil do paciente atendido; planejamento e aplicação de uma intervenção educativa com grupos, que podem ser constituídos pelo próprio público atendido na CEN, como por outros externos, dependendo das parcerias acordadas pela IES e/ou das demandas levantadas entre os pacientes.

Paralelamente a estes atendimentos, a CEN desenvolve alguns projetos para atendimento nutricional de públicos específicos, tanto individual como em grupo, como o acompanhamento de crianças e adolescentes atletas de uma equipe de ginástica acrobática da Prefeitura Municipal de Guarulhos.

No período de estágio o estudante se familiariza com a área de Nutrição Social, que corresponde à área de Saúde Coletiva de atuação do profissional nutricionista, descrita na Resolução CFN n.600 de 2018, que abrange a assistência e educação alimentar e nutricional individual e coletiva, contemplando as subáreas: Políticas e Programas Institucionais; Atenção Básica em Saúde e Vigilância em Saúde (BRASIL, 2018).

O estágio supervisionado tem um papel importante na medida em que coloca o estudante, futuro profissional, em contato com a área de atuação e atividades pertinentes, tendo a oportunidade de executar e observar atividades desenvolvidas em situações reais.

Ao iniciar o Estágio Supervisionado I – Nutrição (área de Nutrição Social), todos os estudantes, tanto os alocados em instituições externas, como na CEN, participam de uma reunião inicial com a supervisora de estágios e recebem um documento que contém uma introdução sobre a área do estágio, os locais de estágio, a carga horária prática e teórica, os deveres do estagiário, o plano de atividades e conteúdo programático/roteiro para relatório de acordo com o local, além dos critérios de avaliação.

No primeiro dia do estágio na CEN há a explanação sobre os fluxos e procedimentos das atividades. Neste encontro é apresentado o Manual da CEN, que contém orientações relacionadas aos atendimentos e todas as fichas utilizadas, além de materiais de apoio, como referências para a avaliação antropométrica e nutricional. Durante o período de estágio, os estudantes realizam o atendimento ambulatorial de pacientes agendados previamente, segundo protocolo pré-estabelecido.

Na primeira consulta, com duração média de uma hora, é aplicada uma anamnese com o objetivo de conhecer o histórico, estado geral, doenças, atividades diárias e hábitos do paciente, além da realização de um recordatório habitual e de um questionário de frequência alimentar (QFA). Ainda nesta consulta são aferidas medidas antropométricas indicadas para o perfil do paciente (para adultos, por exemplo, são coletados: peso; estatura; circunferência do braço, quadril e cintura; dobras cutâneas bicipital, tricipital, supra íliaca e subescapular).

Após a consulta, o aluno analisa as informações coletadas, incluindo o cálculo do valor calórico total da dieta, macro e micronutrientes a partir do recordatório habitual, utilizando como ferramenta um software *online* específico para atendimento nutricional ambulatorial, com acesso concedido por meio de uma licença gratuita aos estudantes pela empresa desenvolvedora. A partir destas informações, o estagiário deve propor um plano de aconselhamento nutricional, que compreende um modelo de cardápio de um dia calculado de acordo com as necessidades do paciente, com orientações específicas, relacionadas às informações coletadas na primeira consulta. No momento da elaboração deste plano de intervenção, os alunos recebem apoio da coordenadora da CEN e das preceptoras de estágio, que acompanham de perto todo o processo. Antes de entregar qualquer orientação ao paciente, esta é avaliada e discutida com a coordenadora ou com as preceptoras.

É possível perceber que os estudantes concentram esforços no cálculo do cardápio, se preocupando em deixá-lo adequado em relação aos nutrientes, ficando em segundo plano a pesquisa e a elaboração de orientações individuais e específicas. Além disso, muitas vezes não identificam outros aspectos importantes para a intervenção e as demandas para outras áreas da saúde. Considero que estas percepções podem ser indicativas de um perfil próprio da origem da formação do profissional da saúde, que está muito mais voltado ao biologicismo e acaba por desconsiderar outros fatores, como hábitos, cultura, fatores sociais e afetivos. Este perfil é, muitas vezes, valorizado e divulgado pelos meios de comunicação, incluindo as mídias sociais e digitais, que propagam o nutricionista como o profissional que faz uma “dieta”, um plano alimentar, um cardápio.

Na segunda consulta, que acontece normalmente quinze dias após a primeira consulta, é realizada a bioimpedânciometria (somente para adultos) e aplicado um recordatório de 24 horas, para mais uma avaliação do consumo alimentar e de possíveis mudanças. O plano alimentar individualizado é entregue em seguida e explicado ao paciente. Na terceira consulta, após cerca de uma semana, o recordatório 24 horas é realizado novamente, para verificar se o paciente está conseguindo executar no dia a dia as orientações recebidas, junto ao levantamento das dificuldades quanto ao plano proposto na consulta anterior e necessidade de alteração/reforço/complemento das recomendações.

Devido a duração do estágio, normalmente o estagiário consegue fazer apenas três consultas com o mesmo paciente, sendo que muitos pacientes não retornam para a terceira consulta. Os pacientes que manifestam interesse e prosseguem para mais consultas de acompanhamento são atendidos por outro estagiário.

Durante este estágio também são propostos momentos de discussão dos casos entre os estagiários, para que possam trocar informações e compartilhar diferentes visões.

Na ação educativa que deve ser realizada ao longo do estágio, os estudantes projetam e aplicam uma intervenção nutricional com grupos, sob orientação. O tema a ser abordado normalmente é sugerido pela coordenadora da CEN ou pelas preceptoras, de acordo com as necessidades do local e população que participará da ação. Quanto ao método de aplicação, este deve ser esboçado pelos estagiários. A

adequação da proposta é avaliada antes de sua aplicação, com a sugestão de mudanças, se necessário.

Com frequência há projetos de intervenção utilizando como método palestras e panfletos, sem participação do público, ficando evidente a valorização maior na transmissão da informação. Sendo ainda muito comum a proposta de intervenções que classificam os alimentos em saudáveis e não saudáveis, ou bons e ruins para a saúde, não considerando a complexidade da alimentação e seus determinantes.

Ao encontro a esta prática, Santos (2012) identificou que apesar da preocupação com as bases teórico-metodológicas, muitas ações educativas ainda se baseiam em modelos tradicionais de transmissão de informações, utilizando majoritariamente técnicas como palestras e produção de materiais informativos.

Na CEN, ao final do período de estágio, a supervisora faz uma reunião individual com os estudantes, para avaliação final desta etapa, destacando pontos positivos e negativos observados, para que possam melhorar para os próximos cenários. Normalmente, o Estágio Supervisionado I – Nutrição (área de Nutrição Social) é o primeiro a ser realizado pelo aluno, pois os estágios desta área e da área de Alimentação Coletiva estão previstos para o sétimo semestre na estrutura curricular, enquanto o estágio na área de Nutrição Clínica está alocado no oitavo semestre.

Na avaliação final, os alunos são convidados a avaliar o estágio e é realizada uma confraternização de despedida. A entrega do relatório final de estágio, elaborado a partir de roteiro pré-estabelecido, com informações coletadas neste percurso junto às reflexões sobre as práticas, deve acontecer no prazo máximo de uma semana após a finalização das atividades.

Em março de 2020, devido a pandemia da covid-19, houve a interrupção total das atividades de estágios na IES. Na área de Nutrição Social, o retorno ocorreu somente em setembro de 2020, sendo necessário alocar todos os estagiários na CEN, pois os outros locais conveniados com a Instituição não permitiram o retorno presencial das atividades.

A IES estabeleceu protocolos específicos visando segurança de todos e a redução do risco de contágio entre funcionários, docentes, estagiários e pacientes. De acordo com o espaço físico da CEN, estabeleceu-se o limite máximo de 20 pessoas presentes no setor ao mesmo tempo. Os estagiários que não tinham atendimento no

dia eram encaminhados para uma sala de informática próxima, com capacidade para até 30 pessoas.

Os alunos foram divididos em dois períodos, manhã (8h às 14h) e tarde (13h às 19h). Com este novo cenário houve alteração na carga horária prática do estágio, que passou a ser de 174 horas práticas (29 dias úteis), com complementação teórica de 41 horas, incluindo quatro estudos de casos entregues ao final do período do estágio, junto aos relatórios.

Os estagiários passaram a atender individualmente e os consultórios permaneciam sempre com as portas abertas e a cadeira do paciente próxima a porta, ficando a uma distância de cerca de um metro do estudante. O agendamento de horário dos atendimentos também foi modificado, sendo realizado com um intervalo de tempo maior, a fim de evitar aglomerações na CEN.

As práticas da antropometria foram limitadas em aferição de estatura, peso e bioimpedânciometria desde a primeira consulta, excluindo a aferição de circunferência e dobras cutâneas; o uso de equipamentos de proteção individual tornou-se obrigatório (máscara durante todo o período de estágio, máscara N95 e protetor facial acrílico no momento do atendimento, fornecidos pela IES no início do período de estágio); em todos os ambientes e consultórios da CEN foram disponibilizados *dispensers* com álcool em gel e afixadas as sinalizações orientando o distanciamento e outras instruções.

Para as reuniões de discussão dos casos, antes realizadas com todos os estudantes no mesmo momento, foram formados grupos com no máximo quatro estagiários e os encontros ocorriam em um ambiente mais amplo.

No período da pandemia, com a impossibilidade de reuniões com grupos, os estagiários elaboraram materiais educativos, como *e-books* e vídeos, para serem divulgados em redes sociais e grupos de mensagens com idosos atendidos por uma entidade beneficente local.

A pandemia de covid-19 trouxe novos desafios para o campo da Alimentação e Nutrição no país, incluindo a formação de nutricionistas. Em um contexto de aumento recente expressivo dos cursos superiores nos últimos anos, e conseqüente ampliação do número de profissionais formados na área da Nutrição, faz-se necessária uma reflexão em relação ao processo de formação deste profissional.

Apesar da ampliação da atuação deste profissional na área de Saúde Coletiva nos últimos anos, devido a implementação de novas políticas públicas, esta continua pouco valorizada durante a formação, provavelmente, decorrente ao histórico da saúde no Brasil e no mundo, que valoriza o saber técnico, voltado para o biologicismo.

Tendo em vista a importância do conhecimento e preparo profissional para atuar na área de Nutrição em Saúde Coletiva, que envolve funções diversas e diferentes realidades, e atuando na CEN de uma IES privada, questiono se a proposta de estágio atual atende as necessidades da sociedade, considerando todos os aspectos que envolvem a alimentação de um indivíduo; se os egressos recebem orientação adequada durante este processo, contribuindo para a formação; se os objetivos e procedimentos didáticos do estágio são adequados a este nível de formação.

Ao considerar a importância do estágio curricular na área de Nutrição Social para a formação do nutricionista e o cenário de uma CEN, questiono: O estudante se sente preparado para lidar com as diferentes situações vivenciadas na prática do estágio?; Quais são as dificuldades encontradas pelos estudantes do último ano do Curso de Nutrição ao estagiar na CEN?; Como os estudantes compreendem a prática de EAN durante o estágio?; Como os estudantes percebem o acompanhamento e orientações por parte do supervisor e preceptores de estágio?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar o estágio realizado na CEN de uma IES particular da grande São Paulo, considerando a percepção do estudante do último ano de graduação em Nutrição sobre o processo de ensino-aprendizagem.

2.2 Objetivos Específicos

- Avaliar as atividades propostas, o acompanhamento e orientações da supervisão e preceptoria a partir da percepção dos estagiários.
- Identificar os aspectos que facilitam ou dificultam o processo de aprendizagem dos estudantes.
- Identificar o conteúdo teórico a ser abordado com os estudantes durante o estágio com o intuito de melhorar os processos de aprendizagem.
- Apresentar sugestões para o aprimoramento das práticas neste contexto.

3.1 Delineamento do estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca estudar aspectos da realidade que não podem ser quantificados, procurando compreender e explicar a dinâmica das relações sociais (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Segundo Minayo (2001, p.21), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”.

A pesquisa descritiva tem como objetivo principal descrever as características de determinada população ou fenômeno ou estabelecer relações entre variáveis, possibilitando levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população (GIL, 2008).

3.2 População e local do estudo

Foram sujeitos da pesquisa o universo de estudantes (n=12) do último ano da graduação em Nutrição de uma IES particular da grande São Paulo, que realizaram o estágio na CEN no segundo semestre de 2020.

3.3 Coleta de dados

Este estudo foi dividido em duas etapas:

1ª etapa: Análise documental

A análise documental consiste em um método que pode ser aplicado tanto a documentos escritos, como iconográficos, sendo muito utilizada em pesquisas qualitativas. Para a adequada apreensão e compreensão de diferentes documentos há necessidade de se empregar técnicas específicas, que compreendem um cuidadoso processo de seleção, coleta, análise e interpretação dos dados (JUNIOR et al, 2021).

Este tipo de pesquisa assemelha-se à pesquisa bibliográfica, tendo como diferença entre estas, a natureza das fontes. A pesquisa documental analisa materiais que, na maioria das vezes, não receberam nenhum tratamento analítico, como

documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações, entre outros (GIL, 2008).

A análise foi realizada a partir dos seguintes documentos:

- Estrutura curricular do Curso de Nutrição da turma ingressante no segundo semestre de 2017 (2017.2), que participou da segunda etapa desta pesquisa, avaliando sequência, conteúdo programático e modalidade de ensino das disciplinas de Saúde Coletiva; Educação Alimentar e Nutricional; Avaliação Nutricional; Bases da Nutrição e Dietética; Nutrição, Ciência e profissão; Nutrição e Dietoterapia do Adulto e do Idoso.
- Manual de Apoio e Protocolos de Atendimento utilizados na CEN.

2ª etapa: Oficina com os estudantes

Bernardes *et al.* (2017) alertam que para a escolha e definição da metodologia em uma pesquisa que busca conhecimento das ciências sociais, antes deve-se refletir sobre questões éticas e contextuais do pesquisador, levando em consideração, principalmente, as formas de relações existentes com os sujeitos da investigação. Ressalta ainda, que essa não deve ser baseada, exclusivamente, nos objetivos de pesquisa, não podendo ser tratada como uma ferramenta neutra na construção do conhecimento. Tendo em vista o local e relação que tenho com os sujeitos da pesquisa, as oficinas foram escolhidas por possibilitar a participação e troca coletiva na discussão do tema.

Segundo Spink, Menegon e Medrado (2014), as oficinas são práticas discursivas que possibilitam a construção de sentidos e permitem que os participantes se posicionem em relações sociais cotidianas.

As oficinas foram realizadas com todas as estudantes que tinham o estágio na CEN previsto para o segundo semestre de 2020 e o finalizaram neste período, sendo que a maioria cursava o sétimo semestre. Participaram das oficinas doze estagiárias, com idade média de 25 anos (na oficina 1) e de 38 anos (na oficina 2), com média geral de 32 anos (intervalo de 20 anos a 57 anos). Cada oficina foi composta por 6 estagiárias, a pesquisadora e uma das preceptoras de estágio e aconteceram nos dias 29 de outubro e 10 de dezembro de 2020, ao final do período de estágio de cada uma das turmas.

As oficinas ocorreram em uma sala de aula ampla, com cerca de 50 carteiras, boa ventilação natural e próxima à CEN. As carteiras foram organizadas em meio

círculo, de forma que as participantes mantivessem as recomendações de distanciamento social. A condução foi feita pela pesquisadora, com o auxílio de uma das preceptoras, que fez anotações e registro fotográfico dos encontros. Durante todo o tempo da realização destas oficinas as participantes utilizaram máscaras e foi disponibilizado álcool gel.

No início houve a apresentação da pesquisa, explicitando os objetivos da mesma, com entrega do Termode Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 1), posteriormente assinado por todas. Na sequência, cada participante se apresentou e procedeu-se a divisão em duplas para a realização da primeira etapa do encontro, que consistiu na tarefa de discutir conteúdos de disciplinas teóricas com a vivência no estágio na CEN. Cada dupla recebeu a tarefa de discutir a relação de duas disciplinas com o estágio e, em seguida, compartilhou as reflexões para discussão com todo o grupo. As disciplinas teóricas escolhidas foram aquelas que apresentavam maior relação com as atividades realizadas no estágio, de acordo com a sua ementa, a saber: Nutrição, Ciência e Profissão, Bases da Nutrição e Dietética, Avaliação Nutricional, Saúde Coletiva, Educação Alimentar e Nutricional, Nutrição e Dietoterapia do adulto e do idoso. Devido ao público atendido na CEN ser majoritariamente constituído por adultas e idosas, não foram incluídas disciplinas relacionadas às outras faixas etárias ou condições, como gestação e lactação.

Posteriormente as estagiárias foram divididas em dois grupos, sendo solicitado à um dos grupos que escrevessem pontos positivos e negativos relacionados a orientação e supervisão e para o outro, os pontos positivos e negativos referentes aos protocolos e Manual de orientação utilizados na CEN. Ainda divididas em dois grupos, foi solicitada a terceira tarefa, que consistiu no registro dos desafios e inseguranças relacionados com o retorno das atividades presenciais durante período de pandemia.

Ao final do encontro, as estagiárias foram convidadas a escrever uma palavra que descrevesse a experiência de estágio na CEN. A contribuição e disponibilidade de todos foi agradecida e a oficina finalizada.

3.4 Análise dos dados

A análise do material transcrito foi realizada a partir dos pressupostos da análise de conteúdo, modalidade temática.

A análise do conteúdo busca compreender o sentido do texto expresso em sua estrutura, interpretando-o a partir do estudo léxico (CAPPELLE, MELO e GONÇALVES, 2003). A elaboração de categorias para a realização da análise de conteúdo é uma das mais comuns e pode ser chamada de temática. Este tipo de análise compreende diferentes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação (MINAYO, 2001; CAPPELLE, MELO e GONÇALVES, 2003).

As duas oficinas foram gravadas em áudio, possibilitando a transcrição na íntegra e posterior análise.

Os achados da investigação, tanto da etapa de análise documental, como das oficinas, foram apresentados nas categorias: 1.Estrutura curricular, oferta e ementas das disciplinas discutidas nas oficinas; 2.O Manual de apoio e Protocolos da CEN; 3.O que as estudantes pensam sobre as disciplinas teóricas e o estágio na CEN?; 4.O que as estudantes pensam sobre a orientação do estágio e os materiais da CEN?; 5.Quais os desafios e inseguranças de estagiar na CEN?

3.5 Aspectos éticos

O estudo foi autorizado pela IES e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Universidade Federal de São Paulo (parecer 3.939.199 de 27/03/2020, Anexo 1), atendendo às normas da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos.

Para manter o sigilo, cada estudante foi identificada com a letra maiúscula P, seguido de número ordinal (P1, P2, P3...).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Estrutura curricular, oferta e ementas das disciplinas discutidas nas oficinas

O modelo de ensino da IES em análise sofreu alterações recentes, a partir da fusão de instituições de ensino, que formou um importante conglomerado educacional no país. Atualmente, há a orientação para realização da sala de aula invertida, utilizando como ferramenta um ambiente virtual, onde os estudantes acessam materiais institucionais ou elaborados pelo professor. A depender da disciplina, o docente deve seguir o material institucional disponibilizado para ministrar as aulas.

Muitas vezes há a junção de turmas de semestres diferentes, tanto nas disciplinas básicas, que também mescla mais de um curso da área da saúde, como nas específicas. A sede da Instituição pode alterar a ordem das disciplinas na estrutura curricular para as diferentes turmas, além da modalidade de ensino da disciplina: presencial, à distância ou híbrida. A disciplina de EAN, por exemplo, já foi ofertada em diferentes semestres do curso nesta IES desde 2013, com carga horária variando de 40 a 80 horas presenciais ou ofertada de forma híbrida.

O Quadro 1 apresenta a estrutura curricular da turma ingressante no segundo semestre de 2017, que participou desta pesquisa.

Quadro 1. Estrutura curricular dos ingressantes de 2017.2.

Semestre	Disciplinas
1º semestre	<ul style="list-style-type: none"> - Ciências Moleculares e Celulares - ED (Educação à distância) - Projeto de Vida - Ciências Morfofuncionais dos Sistemas Digestório, Endócrino e Renal - Bases da Nutrição e Dietética - Ciências Morfofuncionais dos Sistemas Tegumentar, Locomotor e Reprodutor - Ética, Política e Cidadania
2º semestre	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Integral em Saúde - Nutrição, Ciência e Profissão - ED- Construindo Uma Carreira de Sucesso - Saúde - Gastronomia aplicada à Nutrição - Ciências Morfofuncionais do Sistema Imune e Hematológico - Homem, Cultura e Sociedade

3º semestre	<ul style="list-style-type: none"> - Bases da Dietoterapia - Empreendedorismo - Bromatologia - ED- Desenvolvimento de carreira - Ciências Morfofuncionais dos Sistemas Nervoso e Cardiorespiratório - Avaliação Nutricional - Bases para a Vigilância Sanitária de Alimentos
4º semestre	<ul style="list-style-type: none"> - Técnica Dietética - Planejamento e Organização de Unidade de Alimentação e Nutrição - Nutrição, Exercício Físico e Estética - Metodologia Científica - ED- Empreendedorismo - Epidemiologia Nutricional - Higiene e Microbiologia dos Alimentos
5º semestre	<ul style="list-style-type: none"> - Nutrição e Dietoterapia do Adulto e do Idoso - Nutrição e Dietoterapia Obstétrica e Pediátrica - ED- Empregabilidade - Educação Alimentar e Nutricional - Gestão de Unidades de Alimentação e Nutrição - Assistência Nutricional na Obesidade, Doenças Cardiovasculares e Endócrinas
6º semestre	<ul style="list-style-type: none"> - Tecnologia de Alimentos - ED- Cultura Digital - Assistência Nutricional para Gravemente Enfermos - Assistência Nutricional nas Patologias do Sistema Digestório e Órgãos Anexos - Trabalho de Conclusão de Curso I
7º semestre	<ul style="list-style-type: none"> - Saúde Coletiva - ED- Design Thinking - Estágio Supervisionado I – Nutrição¹ - Estágio Supervisionado II – Nutrição²
8º semestre	<ul style="list-style-type: none"> - Políticas e Programas Aplicados a Saúde e Nutrição - Trabalho de Conclusão de Curso II - ED- Marketing Digital - Estágio Supervisionado III – Nutrição³ - Optativa – Marketing de Produtos e Serviços

Fonte: Arquivos da IES

¹Corresponde à área de Nutrição Social (215 horas)

²Corresponde à área de Nutrição em Unidades de Alimentação e Nutrição (215 horas)

³Corresponde à área de Nutrição Clínica (215 horas)

Ao analisar esta estrutura curricular é possível notar a presença de disciplinas mais direcionadas ao olhar ampliado sobre o homem e a sociedade, menos específicas e técnicas da área da Nutrição, nos dois primeiros semestres e nos últimos dois. Além disso, o fato da disciplina de Saúde Coletiva ser ministrada ao mesmo tempo que o estágio desta mesma área (Estágio supervisionado I – Nutrição) é um fator importante a ser questionado. Por um lado, pode favorecer o aprendizado, à medida que o estudante consegue relacionar conteúdo abordados na teoria com a prática do estágio, como pode ser um fator negativo, visto que neste último ano a preocupação com os estágios e com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) são grandes, e que a sobrecarga de atividades pode diminuir a dedicação às disciplinas teóricas.

Teo, Alves e Gallina (2016), ao avaliar as potencialidades e fragilidades do projeto político-pedagógico de um curso de Nutrição a partir da percepção dos estudantes, indicaram que realização do TCC no mesmo semestre que os estágios é considerada difícil, porém positiva, visto que na instituição pesquisada o tema do TCC estava relacionado com a área de um dos estágios curriculares, possibilitando relacionar a pesquisa com a atuação profissional, testar teorias e desenvolver competências para uma atuação contextualizada. Desta forma, houve a articulação entre teoria e prática, que favorece a aprendizagem e parece amenizar a sobrecarga destes últimos semestres do curso.

Outro fator que pode influenciar na relação que os estudantes conseguem restabelecer entre teoria e prática, e conseqüentemente na aprendizagem, é o fato da disciplina Políticas e Programas Aplicados a Saúde e Nutrição, relacionada a área de Nutrição Social/Saúde Coletiva estar inserida apenas no oitavo semestre, após a realização do estágio curricular desta área.

Os estágios curriculares supervisionados da IES contemplam as principais áreas de atuação do nutricionista (Nutrição Clínica, Nutrição Social e Nutrição em Unidades de Alimentação e Nutrição), conforme o que preconiza as DCN do curso e cumpre a carga horária mínima exigida (20% da carga horária total do curso, sendo distribuída equitativamente entre as três áreas, com carga horária teórica inferior a 20% da carga horária total do estágio) (BRASIL, 2001).

Do terceiro ao sexto semestre há a presença de disciplinas técnicas ou voltadas a preparar o estudante para o mundo do trabalho e TCC. A ausência de disciplinas da

área social, por dois anos dentro do período do curso, pode distanciar o estudante destes temas, que serão retomados somente no último ano.

É importante observar que a ordem em que as disciplinas são ofertadas na estrutura curricular é característica de um currículo tradicional, que privilegia o aprendizado da teoria, deixando as práticas para os dois últimos semestres, durante os estágios supervisionados, onde a teoria deve ser aplicada.

Os currículos atuais estão organizados de forma dicotômica entre teoria e prática, privilegiando os referenciais teóricos, que devem ser aprendidos prioritariamente, para posterior aplicação na prática, não considerando os cenários de atuação profissional como articuladores de novas aprendizagens (FAGUNDES e BURNHAM, 2005)

É importante ressaltar ainda que pode haver modificação da sequência das disciplinas de uma turma para outra, a ordem das disciplinas pode influenciar diretamente a aprendizagem, mantendo a fragmentação de conteúdos e o distanciamento entre teoria e prática.

Fagundes e Burnham (2005) afirmam que há demasiada fragmentação disciplinar dos currículos, que apresentam pouca ou nenhuma associação entre as disciplinas e destas com os espaços reais de práticas. Assim, tem-se uma prática mecânica e não reflexiva, que dificulta um olhar ampliado sobre a sociedade e direciona o cuidado alimentar e nutricional para uma visão mais tecnicista e instrumental, que tem marcado o ensino superior.

Braid, Machado e Aranha (2012) discutem a inovação e integração de currículos em cursos de graduação na área da saúde, ressaltando pontos singulares como a interdisciplinaridade e a formação docente. É a partir do currículo que se estabelece a trajetória de formação do educando, com a necessidade constante de repensá-lo e reavaliá-lo junto aos professores e estudantes, para os quais este é modelado.

No Quadro 2 estão descritas as ementas e modalidade de ensino das disciplinas discutidas nos encontros.

Quadro 2. Ementas das disciplinas discutidas nas oficinas.

Disciplina/ Modalidade de ensino	Ementa
Bases da Nutrição e Dietética / Presencial	Introdução a nutrição e dietética; Planejamento alimentar e nutricional; Planejamento de cardápios; Adequação da prescrição dietética.
Nutrição, Ciência e profissão / Híbrida	História da alimentação: o homem, a sociedade, a cultura e a alimentação e sua evolução; Aspectos culturais da alimentação; Atuação do profissional nutricionista; Bioética.
Avaliação Nutricional Presencial / Presencial	Avaliação do estado nutricional; Dados antropométricos; Exames bioquímicos; Semiologia.
Nutrição e Dietoterapia do Adulto e do Idoso / Presencial	Cenário atual de saúde do Adulto e do Idoso; Fundamentos relevantes no cuidado do adulto e idoso saudáveis; Planejamento dietético; Elaboração do plano alimentar.
Educação Alimentar e Nutricional / Presencial	Introdução e bases conceituais da educação alimentar e nutricional; Aconselhamento nutricional; Metodologias para o aprendizado e elementos didáticos na educação nutricional; Recursos utilizados em atividades práticas na educação nutricional e o projeto de educação nutricional e alimentar.
Saúde Coletiva / Presencial - Ensino remoto (durante a pandemia)	O modelo assistencial da vigilância da saúde; Métodos epidemiológicos empregados na investigação em saúde; Epidemiologia nos serviços de saúde; Métodos estatísticos.

Fonte: Arquivos da IES

Das disciplinas discutidas nas oficinas, a única que estava sendo cursada durante o período do estágio era a de Saúde Coletiva, com encontros síncronos de forma remota, devido a pandemia. Este cenário inédito, sem dúvidas, influenciou os processos de aprendizagem e a relação que os estudantes podem fazer entre o conteúdo da disciplina e o estágio na CEN.

Mesmo antes da pandemia algumas disciplinas do curso presencial de graduação em Nutrição já eram ofertadas na modalidade híbrida ou EAD. Nas duas modalidades de ensino são disponibilizados conteúdos e atividades no Ambiente Virtual (AVA) institucional. A diferença entre ambas é que na modalidade híbrida, há aulas presenciais e as avaliações bimestrais são elaboradas pelo professor, enquanto na modalidade EAD há videoaulas gravadas e as avaliações bimestrais são institucionais.

Com a pandemia, as aulas presenciais tiveram que ser adaptadas para aulas remotas, que até o momento não era praticada pela IES. Apesar dos alunos já estarem habituados com disciplinas na modalidade EAD e híbrida, houve dificuldades na adaptação a esta nova modalidade de ensino.

Durante a primeira oficina as alunas comentam que não se adaptariam a este tipo de aula, relatando que o ambiente em que estão no momento da aula influencia e que tem mais dificuldades para se concentrar, pois às vezes estão no ônibus na hora da aula, e quando estão em casa muitas vezes há barulho. Acrescentam ainda, que algumas vezes precisam assistir às aulas que ficam gravadas, mas que o aproveitamento não é o mesmo.

Silva *et al.* (2021) ao avaliarem o impacto da pandemia no processo de ensino-aprendizagem dos graduandos de Enfermagem, obtiveram relatos semelhantes. O estudo apontou que houve dificuldade na adaptação às aulas remotas, com prejuízos na concentração, visto que alguns estudantes não possuíam local adequado e livre de interferências nos lares para acompanhar as aulas *online*. Além disso, apontam a ausência de interação e dinâmica que acontecem nos encontros presenciais.

4.2 O Manual de Apoio da Clínica Escola de Nutrição

Os estagiários da CEN tem acesso ao Manual de Apoio, apresentado no primeiro dia de estágio e disponível na forma impressa na maioria dos consultórios e como documento digital no drive com acesso liberado aos alunos.

Na apresentação inicial do Manual de Apoio, é exposto seu propósito:

O propósito deste Manual é servir de apoio técnico aos alunos e profissionais, de modo a fornecer os subsídios operacionais que o Nutricionista na prática clínica necessita para estabelecer a rotina de atendimento, objetivando auxiliar nas condutas e nas tomadas de decisão de forma ética e baseadas em evidências científicas, que permitem unificar e otimizar o cuidado ao paciente.

Este Manual é organizado da seguinte forma:

1. Entendendo a Clínica Escola de Nutrição
2. Protocolos da Assistência Nutricional
3. Procedimentos das Consultas
4. Formulários
5. Avaliação Antropométrica
6. Avaliação dos Indicadores Bioquímicos e Clínicos
7. Avaliação das Necessidades e Recomendações Nutricionais
8. Plano Alimentar e Alta
9. Orientações Nutricionais (Sugestões)

Ao analisar a ordem dos itens deste Manual, é possível verificar que o último é refere às orientações nutricionais, trazendo sugestões. O fato de estar ao final do material, pode passar a ideia de ser menos importante. Como se trata de um Manual extenso, ao chegar ao final, é possível que a capacidade de atenção ao conteúdo seja menor. Importante pontuar que, ao esperar maior autonomia do estagiário e olhar mais amplo a respeito do atendimento do paciente, dar sugestões de orientações parece

limitar e sugerir um modelo – um manual – restringindo a possibilidade de criação e de busca de outras referências.

Em relação aos Protocolos de Assistência Nutricional contidos no Manual, utilizados no atendimento ambulatorial, fica evidente que as sugestões de perguntas ao paciente e os outros procedimentos de avaliação estão direcionados a uma conduta pautada em aspectos biológicos, sem considerar os significados da alimentação para o paciente e o cuidado integral.

As orientações para elaboração do Plano Alimentar abarcam um modelo de documento a ser utilizado, incluindo um modelo de cardápio e sugestões de orientações gerais, que podem ser modificados pelo estagiário de acordo com a necessidade. Se o modelo a ser sugerido ao estagiário traz primeiro uma estrutura de cardápio a ser orientado ao paciente, conseqüentemente, esta parece ser a parte a que deve ser dada maior atenção. Ainda, ao colocar na sequência orientações gerais como sugestão, direciona o estagiário a segui-las e não a elaborá-las de acordo com as necessidades do paciente, como se espera.

O item Procedimentos das consultas pode, ao mesmo tempo, nortear o estagiário e limitar a abertura para uma visão crítica do cuidado alimentar e nutricional.

Freire (2002) ressalta a importância de o formando estar consciente do seu papel como sujeito na produção do conhecimento, tendo clareza de que “*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção*”.

Os demais itens do material trazem referências técnicas para auxiliar na avaliação e elaboração das recomendações. Uma questão a ser considerada é: se este Manual traz predominantemente um conteúdo técnico que norteia as práticas para uma vertente biologicista, como esperar que o aluno tenha uma visão diferente?

O que não é abordado por este material também deve ser questionado, como tópicos relacionados a EAN e ao aconselhamento nutricional, entre outros.

Há a necessidade de refletir e rever a abordagem destes documentos, com vistas a ampliar o olhar do estagiário quanto ao cuidado alimentar e nutricional, estimulando a autonomia e a visão crítica do estudante sobre este processo.

4.3 O que as estudantes pensam sobre as disciplinas teóricas e o estágio na CEN?

Para a discussão da relação entre as disciplinas teóricas e a vivência na CEN, cada dupla de estagiárias recebeu duas disciplinas para análise, segundo esquema a seguir:

Na Oficina 1: dupla 1 (P1 e P2) discutiu as disciplinas de Nutrição, Ciência e Profissão e Bases da Nutrição e Dietética; dupla 2 (P3 e P4), Avaliação Nutricional e Saúde Coletiva; dupla 3 (P5 e P6), EAN e Nutrição e Dietoterapia do Adulto e do Idoso. Na Oficina 2: dupla 4 (P7 e P8), EAN e Avaliação Nutricional; dupla 5 (P9 e P10), Bases da Nutrição e Dietética e Saúde Coletiva; dupla 6 (P11 e P12), Nutrição e Dietoterapia do Adulto e do Idoso e Nutrição, Ciência e Profissão.

O Quadro 3 apresenta os principais trechos da discussão das duas oficinas segundo disciplinas.

Quadro 3. Estágio na CEN e as disciplinas teóricas na graduação.

Disciplina	Trechos das oficinas
Nutrição, Ciência e Profissão	<p><i>Da parte da profissão, que é exatamente o que a gente quis falar, que a gente focou, que foi possível a gente lembrar dessa matéria no nosso estágio, porque a gente colocou em base isso, que foi fundamental isso, que refletimos sobre a parte profissional. (P2)</i></p> <p><i>Foi feito o recordatório 24 horas para saber realmente quais alimentos eles ingerem, para ter uma noção, se os alimentos estão adequados. (P11)</i></p> <p><i>E o que pode colocar no plano alimentar. (P10)</i></p>
Bases da Nutrição e Dietética	<p><i>Foi outra matéria que ficou ainda mais nítido no estágio (...) essa matéria foi, que eu digo que se encaixou perfeitamente, e que a gente buscou muito, através dela para atender melhor os nossos pacientes (...) eu acredito, que eu precisei muito(...) eu tive pacientes com patologias. (P2)</i></p> <p><i>É basicamente isso, prescrição dietética. Várias matérias falam sobre prescrição dietética, mas essa foi um pouco mais destrinchada. (P6)</i></p> <p><i>A gente teve bases no nosso primeiro semestre, está bem longe e foi um semestre muito confuso,</i></p>

	<p><i>porque a professora se afastou e ficou muito confuso, foi uma coisa bem passada. (P10)</i></p> <p><i>A gente ficou bem deficiente, na verdade, dessa disciplina, então foi bem difícil por conta disso, mas a gente consegue ver no curso. Graças a Deus tinha esse Manual, que salvou a pátria! (P9)</i></p> <p><i>Essa matéria foi no primeiro, só que no decorrer do curso até hoje, a gente viu bastante disso. Então foi dando umas pinceladas a mais e foi reforçando, porque se fosse só no primeiro, aí a gente não sabia de nada hoje. (P10)</i></p>
Avaliação Nutricional	<p><i>Foi extremamente utilizada. (...) Exceto as medidas antropométricas por conta da pandemia. (P4)</i></p> <p><i>Acho que uma liga na outra. (P7)</i></p> <p><i>Pena que a gente não conseguiu fazer prega (...) essa prática a gente vai ficar um pouquinho deficiente, porque só na aula prática a gente não consegue ter. E você não ter essa habilidade, faz total diferença na sua prática clínica. (P9)</i></p> <p><i>A gente entende (...) mas vai fazer falta. (P9)</i></p> <p><i>Senti falta também (...) da antropometria (...) a gente teve poucas aulas práticas, então não deu pra gente aprender assim...(P8)</i></p> <p><i>É um monte de gente em um lugar só, e um modelo, e todo mundo querendo tirar as medidas, eu mesma fiquei de fora. (P10)</i></p> <p><i>Eu também... Eu fiquei olhando, eu não peguei ... Se você falar: "vai lá e pega" ... eu vou olhar no Manual e vou fazer, mas não te garanto que vai estar certo. (P9)</i></p> <p><i>Fui mais favorecida (...) tive agora avaliação nutricional (...) a gente em três aulas práticas, pra gente fazer tudo isso (...) eu pude pegar no adipômetro, (...) foi uma troca muito boa. (P12)</i></p>
Saúde Coletiva	<p><i>A gente ainda tá tendo, tá aprendendo, a gente relacionou apenas a prevenção a doenças, que no caso, foi totalmente utilizada neste estágio e a promoção da saúde. (P4)</i></p> <p><i>Foi mais difícil, pelo fato da acessibilidade mesmo. Na minha casa não tinha internet, então pelos dados móveis assistir às aulas é muito ruim. (P10)</i></p>

	<p><i>Foi tudo muito corrido (P10)</i></p> <p><i>Não é um conteúdo muito difícil de ser absorvido. (P9)</i></p> <p><i>É um conteúdo do dia a dia, do cotidiano, porque é real. Você tem uma noção de como é que é... (P11)</i></p> <p><i>A gente atende pacientes, vamos supor, público, como se estivesse em um posto de saúde (P10)</i></p> <p><i>São pessoas de todos os tipos que vem até a gente, é como se fosse saúde pública mesmo (P10)</i></p>
<p>Educação Alimentar e Nutricional</p>	<p><i>Essa matéria foi extremamente importante (P6)</i></p> <p><i>Encaixa aquela parte do aconselhamento nutricional, que foi necessário. (...) Em questão também financeira do paciente, da gente se enquadrar e se encaixar no que a gente pode ofertar pra ele, de acordo com a renda. (P2)</i></p> <p><i>Lembrei daquelas fases: pré-contemplativa... Isso tudo a gente entrou aqui nos pacientes... em qual fase cada um tá... (P4)</i></p> <p><i>Na Educação Alimentar a gente aprendeu os alimentos, como se relacionar com esses alimentos, o que era bom e o que não era e como fazer a avaliação nutricional depois com o paciente... Então acho que uma liga na outra (P7)</i></p> <p><i>Foi passado também na aula, mas (...) como a gente não tá direto com o paciente, tendo contato, a gente acaba esquecendo algumas coisas e a forma certa de fazer, de colocar em prática. (...) sempre estiveram aliadas juntamente com o estágio que a gente está fazendo agora. (P8)</i></p> <p><i>A gente sempre ouvia na aula, mas o gostoso foi a gente passar no dia a dia. (P7)</i></p> <p><i>E saber colocar isso para o paciente. Então a Educação Alimentar é neste sentido, né!? De saber como educar o paladar de alguém, né!? (P9)</i></p> <p><i>Respeitar as diferenças, as vontades dos pacientes e tentar encontrar o melhor que a gente possa oferecer ali, de acordo com o que ele precisa, respeitando a vontade dele. Senão não vai ter sucesso, na verdade, não vai ter sucesso se só impor. (P9)</i></p>

	<i>Tem que respeitar o indivíduo, a cultura, a religião, tem vários parâmetros para você se enquadrar no que o paciente está te relatando. (P11)</i>
Nutrição e Dietoterapia do Adulto e do Idoso	<p><i>Essa foi mais específica ainda, porque a gente pegou todas as coisas do adulto, né!? E destrinchou tudo o que um adulto precisa, em determinadas patologias do adulto, e mais ainda relacionada a do idoso. (P6)</i></p> <p><i>Relaciono bastante ao estágio. (P6)</i></p> <p><i>Também os tipos de dietas, referente às patologias. (P5)</i></p> <p><i>A gente relaciona a patologia (...) E as deficiências que ele tem (...) o adulto é totalmente diferente, tem essas patologias, mas é diferente, o idoso é muito mais carente de nutrientes e vitaminas. (P11)</i></p>

Na primeira oficina as estagiárias expuseram conteúdos abordados na disciplina de Nutrição, Ciência e Profissão, como a história da alimentação e o quanto algumas mudanças na sociedade impactam na alimentação e nutrição. Relacionam com o estágio, os aspectos éticos e profissionais estudados nesta disciplina. Já as estagiárias da segunda oficina relacionaram os conteúdos abordados com os protocolos utilizados no atendimento ambulatorial na CEN, suas etapas e com a elaboração do plano alimentar. Considerando a ementa desta disciplina, parece que as estudantes da segunda oficina se referiram à conteúdos abordados em outra disciplina.

Nas duas oficinas a conexão que as estagiárias evidenciaram entre a vivência do estágio e a disciplina de Bases da Nutrição e Dietética foi mais nítida, enfatizando os conteúdos voltados para a prescrição dietética. Consideram, ainda, a retomada deste conteúdo ao longo do curso e o Manual utilizado no estágio como pontos essenciais para a condução dos atendimentos.

Entretanto, as estudantes ressaltam dificuldades diante da distância temporal entre o estágio e a disciplina (ofertada no primeiro semestre da graduação), como comenta P10, além de pontos deficientes ou confusos na aprendizagem, devido à licença maternidade da professora à época.

A disciplina de Avaliação Nutricional foi reconhecida como muito utilizada no

estágio, ainda que a coleta de dados antropométricos tenha sofrido ajustes e protocolos adaptados devido a pandemia, como a substituição da aferição de dobras e circunferências pela bioimpedânciometria. Na primeira oficina, ainda estabelecem relação entre as disciplinas de EAN e Avaliação Nutricional, referindo que as duas foram utilizadas no estágio.

Houve uma discussão maior em relação à disciplina de Avaliação Nutricional na segunda oficina, quando as estagiárias apontaram a falta de aulas práticas na disciplina e grande número de alunos na turma, não permitindo uma boa observação e nem execução da aferição de medidas. Neste sentido, a ausência e/ou adaptação da mensuração da antropometria durante o estágio, necessária diante da pandemia, poderia impactar a futura atuação profissional. Apenas uma estagiária relata uma vivência diferente, pois cursou a disciplina em outro semestre junto a outra turma com menos alunos, possibilitando melhor observação e trocas com os colegas nos momentos práticos.

Estes relatos são semelhantes aos encontrados por Vasconcelos *et al.* (2019), que ao avaliar os conhecimentos dos alunos do curso de Nutrição sobre a avaliação subjetiva global, encontrou referência à insegurança em fazer o diagnóstico correto do paciente, devido à ausência ou insuficiência de aulas práticas, fator que pode comprometer o desenvolvimento das competências necessárias dos estudantes.

A disciplina de Saúde Coletiva foi pouco discutida na primeira oficina, cursada concomitantemente ao estágio, o que pode justificar a relação restrita com a dimensão da prevenção de doenças e promoção da saúde. Na segunda oficina, as estudantes apontaram que devido à forma remota de oferta da disciplina, com encontros síncronos semanais, têm tido dificuldades em assistir às aulas, por não possuírem boa conexão de Internet. Houve concordância entre as participantes quanto ao conteúdo da disciplina, referido como não sendo difícil, e quanto a visualizá-lo na rotina do estágio, ao considerarem que o atendimento na CEN é semelhante ao de uma Unidade Básica de Saúde (UBS), à medida que atende a todos os públicos, sem distinção.

Castro, Costa e Silva (2018), ao investigar a opinião de concluintes do curso de graduação em Nutrição sobre a contribuição dos estágios supervisionados no desenvolvimento de competências e habilidades profissionais, encontraram que a competência e habilidade apontada como mais desenvolvida pelo estágio de Saúde

Coletiva foi a “atenção à saúde”, o que vai ao encontro do que foi referido pelas estagiárias da CEN.

A Resolução CFN n.º 600 de 2018, que dispõe sobre a definição das áreas de atuação do nutricionista e suas atribuições, define de forma abrangente a atuação na área de Saúde Coletiva, com atribuições que podem ser similares, mas também muito distintas em cada local, o que tornar difícil para o estudante a compreensão desta diversidade.

Houve consenso quanto a importância da disciplina de EAN para o estágio, ao estabelecerem a relação com a condução do aconselhamento nutricional, citando aspectos para além do biológico, respeitando o indivíduo, a renda, as fases de mudanças, a cultura e a religião. As estudantes referiram que os aprendizados desta disciplina auxiliaram na abordagem do paciente, na identificação e respeito às preferências e no reconhecimento de que não terão sucesso no tratamento com práticas impositivas. Entretanto, a manifestação de uma estudante, de que a disciplina orienta a “saber como educar o paladar do outro”, denota uma posição de hierarquia que contraria as afirmações de respeito às singularidades dos sujeitos atendidos.

Recineet *et al.* (2012) indicam a EAN como uma disciplina que corresponde ao bloco de Saúde Pública e que esteve presente em todas as instituições que participaram do levantamento, como uma disciplina obrigatória.

Nesta pesquisa, as alunas ressaltaram que os conteúdos vistos no decorrer do curso ficaram mais claros à medida que foram colocados em prática durante o estágio e ainda relatam a não fixação de conceitos anteriores, quando eram abordados apenas de forma teórica. Destacaram a importância de viver na prática o que ouviam na aula.

Os currículos de ensino superior, em sua maioria, ainda orientados por uma influência positivista, com uma visão linear em relação a organização do conhecimento, presume que estudante deve primeiro dominar a teoria para então aplicá-la, não considerando que a prática pode ser um cenário para a construção da aprendizagem (SANTOS *et al.*, 2005).

Outro aspecto relacionado às disciplinas teóricas e o estágio foi a nítida relação com a disciplina de Nutrição e Dietoterapia do Adulto e do Idoso, possivelmente diante da preponderância de atendimentos de indivíduos adultos na vivência na CEN.

4.4 O que as estudantes pensam sobre a orientação do estágio e os materiais da CEN?

No Quadro 4 estão os principais trechos da discussão das duas oficinas em relação a preceptoria e supervisão de estágio da CEN.

Quadro 4. Estágio na CEN e a relação com as preceptoras e supervisora.

Ideia Central	Trechos das oficinas
Não há um único caminho	<p><i>Foi negativo e foi positivo (...) no começo, a gente queria pedir a opinião pra todas, e aí, como você é de uma área, você falava uma coisa, a Preceptora A falava outra e a Preceptora B outra, então isso no começo acho que... foi muito confuso. (P4)</i></p> <p><i>Era uma pergunta e três respostas. (P3)</i></p> <p><i>Vocês nunca impuseram nada (...) Vocês davam uma opinião. (P4)</i></p> <p><i>“O estágio tá parecendo quando eu entrei na faculdade, eu tô perdida, eu não sei o que eu tô fazendo!” (P6)</i></p> <p><i>“A primeira semana eu tô me sentindo perdida. Eu tô aqui flutuando. O que eu vou fazer?” (...) e quando eu fui pegando o jeito eu tive que sair. (P6)</i></p> <p><i>Eu tava um pouco perdida no começo, mas (...) tive todo o suporte de vocês. (P7)</i></p>
Mas a gente sempre encontra um caminho	<p><i>Acabou se tornando um ponto positivo, porque a gente debateu isso. Entre nós, a gente teve esse debate. (P2)</i></p> <p><i>Nós chegamos a essa conclusão que era melhor focar em uma. (P2)</i></p> <p><i>Aí veio o debate, que foi até gostoso analisando. (P2)</i></p> <p><i>Me mostravam pontos de vista de vocês. Então, eu ia lá e olhava para o paciente - “Mas o que ia ser bom para o paciente?” e chegava em uma conclusão (...) Vocês davam a argumentação certo, aí o que eu teria que fazer era ver a necessidade do meu paciente. (P6)</i></p> <p><i>Vocês não tinham essa de impor. Vocês davam uma opinião e a gente chegava em uma conclusão. (P3)</i></p>

	<p><i>Porque é até bom pra deixar a gente pensar mais um pouco. (P6)</i></p> <p><i>Porque às vezes não é só um caminho, às vezes tem vários caminhos. (P3)</i></p>
<p>Fragmentação de áreas de atuação do Nutri</p>	<p><i>A questão de você ser de uma área, a preceptora A ser de outra e a preceptora B ser de outra. (P4)</i></p> <p><i>Mas isso foi bom, porque vocês são três áreas diferentes, então vocês mostram nosso olhar para outro tipo de coisa. Mais saúde, prevenção e controle e a outra relacionada mais clínica. (P6)</i></p> <p><i>Só que não é uma crítica, porque a gente entende que, primeiro, vocês são seres humanos, a gente nunca vai ser igual em nada, e também tem a diferença da área de atuação, e isso foi bom porque a gente conheceu um pouquinho de cada uma. Teve uma visão de cada área de vocês. (P4)</i></p>
<p>Pontos positivos</p>	<p><i>Todas as nossas dúvidas, ...foram solucionadas (...) e o domínio de vocês em relação aos assuntos e vocês são bem atenciosas e prestativas em relação a isso. (P6)</i></p> <p><i>Foram supridas todas as minhas necessidades tanto na orientação, como na supervisão também. (P7)</i></p> <p><i>Pra mim foi muito acolhedor. Vocês sempre me entenderam, me acolheram muito bem. Sempre tiraram minhas dúvidas. (P8)</i></p> <p><i>A gente fez junto. Isso pra mim contou muito (...) isso aí é muito gratificante pra gente. Ter o apoio de vocês sempre do nosso lado é muito bom. (P10)</i></p> <p><i>Me senti muito bem (...) Gostei do atendimento de vocês, ajuda bastante, isso não tem o que questionar. Eu tô muito feliz. (P12)</i></p>
<p>Pontos negativos</p>	<p><i>Esse contato mais próximo, mais humano, eu não senti. De você chegar e ... senti falta. Acho que mais humano, não dar mastigado, faz isso, faz aquilo... Mas assim... qual é a sua dúvida? Senta aqui, deixa eu te orientar (...) tem que ter um pouco mais de empatia, paciência (...) eu senti um pouco mais da minha parte, eu tô falando por mim. Mas assim, mesmo assim, eu tive suporte, eu não tenho do que reclamar em outros sentidos. (P11)</i></p>

Quando questionadas em relação à orientação da supervisora e preceptoras de estágio, as estagiárias relataram que no começo ficaram confusas, pois cada profissional respondia de forma diferente ao mesmo questionamento. Estas diferenças de orientações fizeram com que se sentissem perdidas no início: *“o estágio está parecendo quando eu entrei na faculdade, eu tô perdida”* (P6). E que ainda, quando estavam “pegando o jeito”, o estágio terminou.

Entretanto, em diversos momentos relatam que tiveram suporte das preceptoras e manifestam como positivo o fato de não haver imposição e sim opinião sobre os questionamentos.

Atribuem estas diferenças na orientação à área de atuação de cada profissional e referem que houve debate entre as estagiárias sobre a diferença de opiniões das preceptoras, concluindo que deveriam escutar mais uma ou outra, de acordo com a área que pretendem atuar.

Ainda percebem que pensar, refletir e debater sobre os diferentes pontos de vista das preceptoras foi positivo para a tomada de decisão em relação à conduta com o paciente. A partir deste debate e reflexão, percebem que há mais de um caminho possível para uma mesma questão: *“Porque as vezes não é só um caminho, às vezes tem vários caminhos”* (P3).

Este protagonismo discente é importante e deve ser estimulado pelos educadores. Estudo conduzido por Fam e Ferreira Neto (2019), em Minas Gerais, relatou que os estagiários ficam presos às orientações das supervisões e imaginam que existe apenas um fazer correto, e não um conjunto de alternativas, que cada um, a seu estilo, deverá encontrar.

Para Paulo Freire (1982), “não existe pergunta boba, nem resposta definitiva”, colocando o educador no lugar de quem deve estimular o gosto pelas perguntas e respeitá-las e enfatizando a importância de saber lidar com a tensão entre a palavra e o silêncio. Esta ideia tem sintonia com o trecho *“Porque é até bom pra deixar a gente pensar mais um pouco”* (P6), que parece reconhecer a importância de dar espaço para a reflexão do educando. Essa possibilidade pode evitar o que o autor chama de pedagogia da resposta, em que muitas vezes os educadores respondem às perguntas que os educandos não fizeram e apenas discursam para o outro.

Hofmann (2014), ao discutir sobre tarefas avaliativas a partir de uma visão

construtivista do erro, aponta que se deve oportunizar a discussão entre os alunos a partir de situações problemas, dando espaço para a expressão das ideias. No lugar de apontar erros, auxiliá-lo a encontrar as dificuldades e melhores soluções.

As estagiárias ainda ressaltam como pontos positivos da orientação o domínio do saber científico pelas preceptoras e supervisora, além da atenção quanto às necessidades das estagiárias, não as deixando com dúvidas.

A maioria refere que se sentiu acolhida. Entretanto, uma das estagiárias da segunda oficina relata que sentiu falta de empatia, paciência e de um contato mais próximo com a preceptora responsável por orientá-la, reconhecendo posteriormente que teve suporte por parte da supervisora e de uma outra preceptora.

Codo (1999) esclarece a importância do vínculo afetivo e emocional entre o educador e educando no processo de ensino-aprendizagem, destacando o impacto da ação do professor no futuro: *“neste caso cada palavra dita, cada movimento do olhar tem seu lugar reservado no futuro do outro, do país, do mundo. Por bem e por mal”*. Decorre dessa perspectiva que o ato de orientar/educar exige muito mais do que domínio técnico e teórico, além do quanto perpetua e impacta na formação e no futuro deste profissional/indivíduo.

Para Freire (2002), uma prática educativa promotora de mudanças é feita a partir de domínio técnico e científico, com afetividade e alegria, o que não exclui a busca e o rigor metodológico, mas requer que se vá além, com esperança para mudar. Entretanto, Hofmann (2014) alerta que há muitos educadores gentis e afetuosos, que não dão liberdade aos educandos, não oportunizam a expressão de ideias e não consideram que estes possuem condições de se desenvolver por conta própria.

No Quadro 5 são destacados os principais trechos da discussão das oficinas em relação aos materiais utilizados durante o estágio, como o Manual de apoio e os protocolos de atendimentos.

Quadro 5. Estratégias de apoio ao estágio na CEN: Manual e Protocolos

Ideia Central	Trechos das oficinas
Pontos positivos	<i>Bem elaborado e de fácil entendimento. (P2)</i>

	<p><i>Fácil acesso (...) tanto físico, cada consultório tem o seu, na recepção tem o seu, e também podemos acessar no e-mail. (P1)</i></p> <p><i>O Manual é muito bom. (P12)</i></p> <p><i>A anamnese e o recordatório tem bastante espaço (...) a gente não fica perdida. (P11)</i></p> <p><i>Eu achei tudo muito bem-organizado. (P9)</i></p> <p><i>O Manual é muito bom! Tem o primeiro passo, o segundo passo... Quem quer, pega ali, lê antes, lê após consulta... Você segue, aí se tem alguma coisa que não tá batendo, vai na preceptora, pergunta, dá certo... (P9)</i></p> <p><i>Tem ali a fórmula que você precisa usar, ninguém fica perdido. Tem todo um passo a passo. (P9)</i></p> <p><i>Nossa! Que Manual maravilhoso! (P11)</i></p>
Pontos negativos	<p><i>No início da anamnese existe uma certa pergunta, só que vai ver se ele vai fazer tratamento ou não quase no último. (...) acaba sendo repetitivo. A gente achou que era repetitivo e acaba sendo cansativo para quem tá ali respondendo e seria mais prático se fosse bem objetivo: “Tem depressão? Sim/Não/ á teve? Faz tratamento? Já fez?” (P2)</i></p> <p><i>Acho que poderiam ser perguntas de sim ou não. (P3)</i></p> <p><i>Esse foi um ponto negativo, que a gente achou que era muito cansativo algumas perguntas e repetitivas. (P2)</i></p> <p><i>MANUAL - A gente sentiu falta de um sumário (...) O sumário pra mim foi uma falta... fez falta. (P2)</i></p> <p><i>E talvez isso acabou a gente fazendo perguntas desnecessárias pra vocês, entendeu!? (P6)</i></p> <p><i>A gente sentiu falta do fator atividade, foi muuuuito duvidoso. (P2)</i></p> <p><i>O fator atividade, a gordura visceral, que depois acabou...(P1)</i></p> <p><i>Esse que ela tá falando, eu tava me lembrando, que a gente tinha que escrever abaixo a gordura visceral, porque não tinha essa informação e a classificação. (P2)</i></p> <p><i>Não tava muito claro, da forma que a gente precisava para aquele momento.[...] Entendeu!? Tipo assim, de</i></p>

	<p><i>fácil entendimento. Alguns tá maravilhosamente bem, a gente consegue ver, tem as tabelas, tem as coisas, mas tem coisas que a gente ficava... tá!? Parecia que tava faltando continuação. Tava parecendo que tava só uma introdução, um desenvolvimento e tá, e a conclusão!? Mais ou menos isso, entendeu!? (P2)</i></p> <p><i>Não tava rápido e fácil ali. (P1)</i></p> <p><i>Tem coisas que parecia que ficava vago. (P2)</i></p> <p><i>Nesse caso da lista para cada paciente, a gente pensa assim, como eu e a P11 atendemos atletas, às vezes muda muitas coisas da substituição também. Então acho que deveria reforçar isso e a anamnese também. (P10)</i></p> <p><i>O Manual, acho que deveria ter mais, em outros consultórios, porque, não que isso impeça você ir lá no consultório e pegar, mas seria legal se todos tivessem o Manual, pra cada um ficar fazendo seus estudos de casos ali... (P11)</i></p>
--	---

Nas duas oficinas as estagiárias reconheceram que o manual da CEN é muito bom, de fácil entendimento e acesso. Sendo que, na segunda oficina, ressaltaram mais pontos positivos quanto à organização do Manual, dizendo que este direciona os atendimentos, com um passo a passo. Entretanto, na primeira oficina identificaram a carência de algumas informações, de continuidade e de clareza em alguns pontos do material, como a falta do sumário, reconhecendo que este pode ter sido o motivo de algumas dúvidas que as levou a solicitar orientação às preceptoras.

Em relação à anamnese, consideram que algumas perguntas são repetitivas, tornando a consulta cansativa e sugerem, portanto, tornar algumas questões mais objetivas, respondidas com sim ou não.

As estagiárias da segunda oficina relatam como pontos negativos a falta de lista de substituições e anamnese próprias para atletas, além da falta de manual impresso em todos os consultórios, apesar de reconhecerem anteriormente que este é de fácil acesso.

Esta divergência de opiniões entre as estagiárias das diferentes oficinas pode ter ocorrido pelo fato de termos solicitado a leitura prévia do Manual no primeiro dia do treinamento da segunda turma, o que não ocorreu com as estagiárias da primeira

oficina, em que o Manual da CEN foi apenas apresentado e citado durante o treinamento. Este contato inicial com o material pode ter possibilitado um reconhecimento melhor do conteúdo, conferindo mais segurança para utilizá-lo.

4.5 Quais os desafios e inseguranças de estagiar na CEN?

Durante a oficina as estagiárias expuseram quais foram seus maiores desafios e inseguranças durante o período de estágio na CEN, tanto relacionados ao novo cenário que a pandemia trouxe, como a experiência prática do atendimento ao público, e como estes foram superados. No Quadro 6 estão os principais trechos discutidos.

Quadro 6. Desafios e inseguranças do estágio na CEN.

Ideia Central	Trechos das discussões das Oficinas
Inseguranças e desafios relacionados à contaminação e sobrecarga	<p><i>Em relação a contrair o vírus... (P6)</i></p> <p><i>E a vida pessoal... porque algumas não sabiam se iam ser demitidas ou se você faz o estágio ou ao contrário, se você deixa... (P6)</i></p> <p><i>Se não fosse a pandemia, eu sabia que o mundo lá fora ia ter mais vagas para mim. (P6)</i></p> <p><i>Teve gente que por causa da quarentena, adiantou as férias, né, professora!? O serviço adiantou aquele mês de férias. Daí vc vai chegar lá e falar: “Eu preciso de férias para fazer o estágio” (...) às vezes não tem essa compreensão. (P3)</i></p> <p><i>Se não fosse a pandemia acredito que seria bem melhor, além de, eu acho que todo mundo vai concordar, que as horas complementares, às atividades, pra quem está numa correria, só atrapalhou. Eu preferia fazer mais quatro dias... Os estudos de caso (...) me atrapalhou (P2)</i></p> <p><i>Não faz sentido eles liberarem 29 dias de um convívio e quatro dias a mais ou a menos, no caso, e colocar uma atividade enorme. (P3)</i></p>
Perda pedagógica devido às mudanças causadas pela pandemia	<p><i>Você não pode tocar no paciente, então automaticamente você não treinou aquela prega. Você não vai saber se pegou adequado, se você pegou errado, se... (P1)</i></p>

	<p><i>Preferia chegar e fazer uma apresentação na casa de repouso, chegar lá, auxiliar, fazer atividades com eles, analisar. Como a gente já fez em matérias anteriores, de ter ido até o local, analisar, ter estudado aquele grupo. Na minha opinião isso fez falta. Era melhor, pq a gente ia ver o resultado, do que ter feito apenas um vídeo (...)</i> (P2)</p> <p><i>A pandemia tirou o nosso contato humano, o que é extremamente essencial na nossa profissão, né!? Por exemplo, esse projeto, se a gente tivesse ido lá, interagindo com os idosos, a gente ia ver a reação deles, se eles realmente conseguiram entender aquilo que a gente queria passar...(P4)</i></p>
<p>Inseguranças e desafios para o atendimento ambulatorial</p>	<p><i>Sempre estudei muito, me dediquei a graduação praticamente inteira, só que quando eu cheguei no estágio eu fiquei... parece que o conhecimento foi embora... a insegurança foi tanta que eu não sabia como me expressar, como me comunicar com o paciente, esse foi um desafio muito grande. Outro desafio que a gente (...) discutiu, foi não utilizar termo técnico, (...) com o paciente (...) a gente tinha que buscar uma forma de falar que ele entenda. (P4)</i></p> <p><i>Minha insegurança se tornou um desafio. Minha insegurança era não saber atender, não saber fazer um plano alimentar. Então pra mim foi um desafio começar o estágio. Como ela falou (aponta para P3), eu não tinha noção nenhuma de clínica, eu não gostava, eu não sabia. (P1)</i></p> <p><i>Pra mim acabou não sendo a insegurança, porque eu já gosto de clínica. (P2)</i></p> <p><i>Até o jeito de falar, né!? A gente escuta tanto vocês falando: “toma cuidado, não influencia a resposta, fala dessa forma..” (P3)</i></p> <p><i>O que eu tenho de entendimento é que eu tô aqui pra errar mesmo, esse é o momento que eu tenho, que eu posso errar. Esse é o momento em que eu vou ter ajuda mesmo (...) tô fazendo estágio que é pra exercer mesmo a função de uma forma pra me sentir segura, pra quando eu estiver só no mundo, no mundo profissional. (...) meu medo foi esse. Ter que, por algum motivo pessoal, ter que parar o estágio, ter que parar na metade e não conseguir concluir. (P2)</i></p>

Superação	<p><i>Eu não tenho estrutura pra fazer o que eu tô fazendo. Eu até comentei algumas vezes, que o que eu tô fazendo não é humano. Não parece coisa de humano, parece coisa de robô (...) A minha vida hoje é dedicada exclusivamente à minha graduação. Eu tenho que trabalhar, pra manter essa situação. Se eu não trabalho, não tenho faculdade... se eu não tenho faculdade... Entendeu? Enfim, o meu maior desafio é exatamente esse. No meu caso, como eu tenho filhos, tenho trabalho, tenho o estágio, tenho a vida acadêmica, nenhuma parou, só acrescentou, só foi somando, sabe!? (...) (P2)</i></p> <p><i>A única diferença minha e da Erica P2, é que eu não tenho filho e moro com a minha mãe, né!? Então, eu chego em casa e tem comida. Mas o cansaço mental e o físico de acordar cedo, de ficar o dia inteiro lá em pé na UAN, porque lá você não senta, né? (P3)</i></p> <p><i>Pensei que em algum momento(...): “eu vou ter que parar”, porque meus filhos estão ficando só (...) minha filha perdendo peso (...) Foi o meu medo, a minha insegurança. ((P2)</i></p> <p><i>Meu medo foi esse. Ter que, por algum motivo pessoal, ter que parar o estágio, ter que parar na metade e não conseguir concluir. Mas consegui! (P2)</i></p> <p><i>Até eu conhecer a clínica, eu achava aterrorizante, eu achava que era uma coisa tão difícil e não foi. Eu descobri que é super agradável. Não é fácil, mas eu consegui (...) A dificuldade que eu achei que era, não era, você entendeu? Tive mais facilidade. O tamanho do medo que eu tinha, não era pra tudo isso... (P3)</i></p> <p><i>Foi realmente um desafio, que consegui vencer. (P1)</i></p>
-----------	--

Em relação às inseguranças e desafios enfrentados devido a pandemia, fica nítida a preocupação em contrair ou passar o vírus, principalmente pelo fato da maioria utilizar transporte público para chegar ao estágio.

Além disso, uma insegurança muito grande relatada foi em relação a ficar desempregada e precisar interromper o curso, considerando que é uma IES privada. Esta insegurança pode estar relacionada às incertezas do mundo de trabalho no cenário da pandemia. Algumas estagiárias expuseram que tiveram as férias antecipadas pelo local de trabalho devido a pandemia, não possibilitando conciliar

com o período de estágio.

As alunas relataram que o estudo de casos, incluídos no relatório final de estágio com o objetivo de reduzir o número de dias presenciais, devido a pandemia, atrapalhou ainda mais. Demonstraram preferência por realizar mais dias práticos na CEN, que os substituir por atividades teóricas.

Algumas referiram insegurança no momento do atendimento do paciente, preocupação em falar corretamente, como aprenderam na teoria. Uma das estagiárias referiu que sempre estudou muito na graduação, mas que quando chegou no estágio, parece que tudo que aprendeu na teoria foi embora e que não sabia como se expressar e que teve dificuldades para não usar termos técnicos com o paciente.

Este relato sugere que não basta o conhecimento teórico, há o desafio de colocá-lo na prática e ainda, que quando a teoria é aprendida dissociada da prática, pode trazer dificuldades para os estudantes relacioná-las. Estudo realizado em clínica escola de psicologia também encontrou que o “contato com a prática” apareceu mais como uma “aplicação” do que como uma “articulação” (FAM e FERREIRA NETO, 2019)

Entretanto, para outra aluna essa questão não foi percebida como uma insegurança, pois diz gostar dessa área e fala que esse é o momento que ela tem pra “errar”, pois sabe que terá ajuda.

Uma das estagiárias refere que o trabalho só aumentou e não consegue lidar com uma demanda tão grande, uma vez que anteriormente estava se dedicando exclusivamente à graduação, que trabalhava para manter a faculdade e que o receio não era de errar, mas ter que parar o estágio por algum motivo pessoal, como por exemplo os filhos que ficavam sozinhos.

Outra estagiária relatou grande cansaço, tanto físico como mental e que as atividades na CEN eram menos difíceis do que imaginava antes de realizar o estágio. As estagiárias se mostram muito satisfeitas em terem superado estes medos e inseguranças, se considerando vencedoras.

Ao final, em resposta à solicitação que escrevessem uma palavra que caracterizaria a experiência de cada uma no estágio, foram escritas: desenvolvimento (P1), futuro (P2), aprendizado (P4), crescimento (P3 e P9), alegria (P5), desafio (P6), amor (P7), gratidão (P8 e P11), conhecimento (P10) e aprendizado na prática (P12).

Na discussão que se seguiu foi notório o orgulho que sentiram por conseguir

finalizar o estágio, considerado um desafio. Destacaram a gratidão por conseguirem colocar em prática o que estudaram na teoria anteriormente, pela atenção das preceptoras e supervisora, pela troca, pela experiência e acolhimento. Reconheceram que o estágio foi um momento de aprendizado e crescimento, no qual foi possível reduzir algumas inseguranças anteriores.

Relatam uma mudança de olhar e aumento do amor pela Nutrição, com ênfase sempre na área de Nutrição Clínica e não na de Saúde Coletiva. Demonstram muita satisfação por terem chegado até este momento do curso e se reconhecerem capazes: “a gente sabe que a gente pode ir além, na capacidade” (P8).

5 CONCLUSÕES

O presente estudo evidencia que na percepção das estagiárias há uma frágil relação do estágio na CEN com a área de Saúde Coletiva. Entretanto, as estudantes ressaltam a importância das práticas que vivenciaram para sua formação e as apontam como positivas, tanto com relação as atividades realizadas, como em relação a orientação durante este processo.

Segundo as estagiárias, o Manual de apoio facilitou a condução das atividades. Além disso, empatia e contato próximo do preceptor e supervisor de estágios foi um ponto apontado como importante para melhor aproveitamento.

A ordem e momento em que algumas disciplinas teóricas estão inseridas no curso são citadas como aspectos que dificultaram a aprendizagem. A distância temporal de disciplinas teóricas relacionadas ao estágio foi um ponto de fragilidade para a aprendizagem, assim como a oferta da disciplina de Saúde Coletiva no mesmo semestre que o estágio desta área.

A pandemia da covid-19 sem dúvidas influenciou neste momento, trazendo inseguranças, maiores dificuldades e mudanças nas atividades do estágio e no meio de oferta das disciplinas teóricas, impactando no processo de ensino-aprendizagem. Contudo, outras inseguranças também foram relatadas, como o preparo para o momento do atendimento do paciente, com destaque em relação a preocupação em falar corretamente, de acordo com a teoria estudada anteriormente.

Portanto, há necessidade de repensar a proposta de estágio, implementando práticas que possibilitem a relação deste com a área de Nutrição em Saúde Coletiva, facilitem a conexão da teoria com a prática, levando a reflexão e a maior confiança na interação com o paciente.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Sylvia Helena Souza da Silva; JANSEN, Beatriz; DE ASSIS, Elaine Quedas; SENNA, Maria Inês Barreiros; CURY, Geraldo Cunha. Formação em Saúde: reflexões a partir dos Programas Pró-Saúde e PET-Saúde. **Interface (Botucatu)**, v. 19, n. 1, p. 743-752, 2015.

BERNARDES, Jefferson de Souza; SAMPAIO, Juliana; ASSIS, Julyana Silva de; TAVARES, Mariana Falcão; LUNA, Willian Fernandes; RISCADO, Jorge Luís de Souza. Sobre Rodas de Conversas e Oficinas - Implicações Éticas em Pesquisas. **Atas CIAIQ2017 - Investigação Qualitativa em Saúde**, v.2, p. 869-875, 2017.

BOOG, Maria Cristina Faber. Educação nutricional: passado, presente, futuro. **Revista de Nutrição**, v. 10, n. 1, p. 5-19, 1997.

BRAID, Liana Maria Carvalho; MACHADO, Maria de Fátima Antero Sousa; ARANHA, Ágatha Cristina. Estado da arte das pesquisas sobre currículo em cursos de formação de profissionais da área da saúde: um levantamento a partir de artigos publicados entre 2005 e 2011. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. v. 16, n. 42, p. 679-692, 2012.

BRASIL, Resolução CNE/CES nº 5, de 7 de Novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição. **Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Superior**. Brasília, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES05.pdf> Acesso em: 10 outubro 2018.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas. – Brasília, DF: MDS; **Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**, 2012. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/seguranca_alimentar/caisan/Publicacao/Educacao_Alimentar_Nutricional/1_marcoEAN.pdf. Acesso em: 05 agosto 2019

BRASIL, Conselho Federal de Nutricionistas. **Resolução CFN n.º600**. Definição das áreas de atuação do nutricionista e suas atribuições, estabelece parâmetros

numéricos de referência, por área de atuação, e dá outras providências. Brasília: CFN, 2018. Disponível em: http://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/resolucoes/Res_600_2018.htm. Acesso em: 03 setembro 2019

CALADO, Carmen Lúcia de Araújo. A Expansão dos Cursos de Nutrição no Brasil e a Nova Lei de Diretrizes e Bases – LDB. **CFN – Conselho Federal de Nutricionistas**. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.cfn.org.br/novosite/pdf/expansao.pdf>. Acesso em: 28 setembro 2018.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES, Carlos Alberto. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. **Revista Eletrônica de Administração da UFLA**, v.5, n.1, p. 0-0, 2003.

CASTRO, Inês Rugani Ribeiro de. Desafios e perspectivas para a promoção da alimentação adequada e saudável no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v.31, n.1, p. 7-9, 2015.

CASTRO, Adriana Garcia Peloggia de; COSTA, Andrea Fraga Guimarães; SILVA, Sandra Maria Chemin Seabra da. Opinião de concluintes do curso de graduação em Nutrição sobre a contribuição do estágio supervisionado no desenvolvimento de habilidades e competências profissionais. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 10, n. 1, p. 1942-1951, 2018.

CERVATO-MANCUSO, Ana Maria; VINCHA, Kellen Regina Rosendo; SANTIAGO, Débora Aparecida. Educação Alimentar e Nutricional como prática de intervenção: reflexão e possibilidades de fortalecimento. **Physis**, v. 26, n. 1, p. 225-249, 2016.

CODO, Wanderley. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019

COSTA, Nilce Maria da Silva Campos. Revisitando os estudos e eventos sobre a formação do nutricionista no Brasil. **Revista de Nutrição**, v.12, n.1, p. 5-19, 1999.

DEMÉTRIO, Franklin; PAIVA, Janaína Braga de; FRÓES, Ana América Gonçalves; FREITAS, Maria do Carmo Soares de; SANTOS, Lígia Amparo da Silva. A nutrição clínica ampliada e a humanização da relação nutricionista-paciente: contribuições para reflexão. **Revista de Nutrição**, v.24, n.5, p.743-763, 2011.

FACULDADE ANHANGUERA DE GUARULHOS. **Projeto Pedagógico do Curso de Nutrição**. Guarulhos, 2020.

FAGUNDES, Norma Carapiáe; BURNHAM, Teresinha Fróes. Discutindo a relação entre espaço e aprendizagem na formação de profissionais de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. v. 9, n. 16, p. 105-114, 2005.

FAM, Bárbara Moraes, FERREIRA NETO, João Leite. Análise das práticas de uma clínica-escola de Psicologia: Potências e desafios contemporâneos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, p. 1-16, 2019.

FRAUCHES, Celso da Costa. A Livre Iniciativa e Reforma Universitária Brasileira. **IV Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.inpeau.ufsc.br/coloquio04/completos/CELSO%20DA%20COSTA%20FR AUCHES-%20A%20livre%20iniciativa>>. Acesso em: 28 setembro 2018.

FREIRE, Paulo. **Virtudes do Educador**. Vereda - Centro de Estudos em Educação, 1982. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1475>. Acesso em: 20 de julho de 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREITAS, Alexandra Corrêa de. **Estágios curriculares de Nutrição em Saúde Coletiva: trajetórias e percepções de supervisores docentes do município de São Paulo**. [dissertação] São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 2020. Disponível em:

http://www2.unifesp.br/centros/cedess/mestrado/teses/tese_259_alexandra_freitas.pdf. Acesso em: 18 dezembro 2021.

FRUTUOSO, Maria Fernanda Petroli; JUNQUEIRA, Virginia; CAPOZZOLO, Ângela Aparecida. A experiência de formação (em) comum de nutricionistas na Unifesp, *campus* Baixada Santista. **Saúde Debate**, v. 41, n. 112, p. 298-310, 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 14 novembro 2019

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**. 33ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014.

JUNIOR, Eduardo Brandão Lima; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Adriana Cristina Omena dos; SCHNEKENBERG, Guilherme Fernando. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**. v.20, n.44, p.36-51, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOTTA, Denise Giacomo da; OLIVEIRA, Maria Rita Marques de; BOOG, Maria Cristina Faber. A formação universitária em Nutrição. **Pro-posições**, v.14, n.1, p.69-86., 2003.

NEVES, Janaína. das; ZANLOURENSI, Clorine Borba; DOMENE, Semíramis Martins Álvares; BATISTA, Beatriz; CALADO, Carmen Lúcia de Araújo; VASCONCELOS,

Francisco de Assis Guedes de. Oitenta anos de graduação em Nutrição: uma análise do período 2009-2018. **Revista de Nutrição**, v. 32, e180158, 2019.

NEVES, Janaína das; SOUSA, Anete Araújo de; VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Formação em Nutrição em Saúde Coletiva na Universidade Federal de Santa Catarina: reflexões sobre o processo de ensino para fortalecer o Sistema Único de Saúde. **Revista de Nutrição**, v.27, n. 6, p. 761-773, 2014.

PAGLIOSA, Fernando Luiz; DA ROS, Marco Aurélio. O relatório Flexner: para o bem e para o mal. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 32, n. 4, p. 492-499, 2008.

RECINE, Elisabetta; PORTO, Erica Blamires Santos; FERNANDEZ, Patricia Martins; PEREIRA, Maína Ribeiro. Analysis of nutrition (and food) education syllabus of nutrition undergraduate courses. **Revista de Nutrição**, v. 29, n. 6, p. 885-897, 2016.

SANTOS, Lígia Amparo da Silva. Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. **Revista de Nutrição**, v.18, n.5, p. 681-692, 2005.

SANTOS, Ligia Amparo da Silva; SILVA, Maria da Conceição Monteiro da; SANTOS, Joselina Martins; ASSUNÇÃO, Marilena Pacheco; PORTELA, Mônica Leila; SOARES, Michele Dantaset *al.* Projeto pedagógico do programa de graduação em nutrição da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia: uma proposta em construção. **Revista de Nutrição**, v. 18, n. 1, p. 105-117, 2005.

SILVA, Alberto Carvalho da. De Vargas a Itamar: políticas e programas de alimentação e nutrição. **Estudos Avançados**, v. 9, n. 23, p. 87-107, 1995

SILVA, Jéssica Guimarães da; RIBEIRO, Wanderson Alves; PERES, Kristelle Gomes da Silva; CORDEIRO, Tatiane Rafael; ANJOS, Camila dos Santos; FASSARELLA, Bruna Porath Azevedo; NEVES, Keila do Carmo. Impacto da pandemia da COVID-19

no processo de ensino-aprendizagem do graduando de Enfermagem. **Recisatec - Revista Científica Saúde e Tecnologia**, v. 1, n.5, e1550, 2021.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff; MEDRADO, Benedito. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia e Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 32-43, 2014.

TEO, Carla Rosane Paz Arruda; ALVES, Solange Maria; GALLINA, Luciara Souza. Nas trilhas da utopia: tecendo o projeto político-pedagógico em um curso de nutrição. **Trabalho, Educação e Saúde**. v. 14, n. 03, p. 723-745, 2016.

VASCONCELOS, Fábio Costa de; MOIA, Lizomar de Jesus Maués Pereira; MARTENS, IrlandBarroncas Gonzaga; VIEIRA, Cinthia Regina Sales Furtado. Competência dos discentes de graduação em nutrição sobre a avaliação subjetiva global. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 3, e231, 2019.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Origem e conformação do campo da nutrição em saúde pública em Pernambuco: uma análise histórico-estrutural. **Revista de Nutrição**, v.14, p.13-20, 2001.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de; BATISTA FILHO, Malaquias. História do campo da Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 16, n. 1, p. 81-90, 2011.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de; CALADO, C.L.A. Profissão nutricionista: 70 anos de história no Brasil. **Revista de Nutrição**, v.24, n.4, p.605-617,2011.

Apêndice 1

1/2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa “O estágio na clínica escola de nutrição: percepção e aprendizados dos estudantes” têm como principal objetivo analisar o estágio realizado na Clínica Escola de Nutrição de uma Instituição de Ensino particular localizada na grande São Paulo, considerando a percepção do estudante do último ano de graduação em Nutrição sobre o processo de aprendizagem.

Para aceitar participar da pesquisa você concorda em participar de uma oficina com outros estudantes do Curso de Nutrição, com duração aproximada de duas horas, que será gravada. As informações coletadas poderão trazer benefícios para a sociedade, a medida que se propõe a investigar caminhos para o melhor preparo dos nutricionistas na área de Saúde Coletiva, com uma visão mais humanista e integrativa.

Esse projeto não causará riscos físicos, prejuízos ou lesões a você. Poderá haver algum grau de desconforto ao falar sobre o tema desta pesquisa. Neste caso, você tem total liberdade para não responder ou dizer algo sobre o tema.

É garantida a liberdade de retirada do seu consentimento a qualquer momento e a desistência de participação do estudo. Todas as informações obtidas serão analisadas e os resultados utilizados para fins exclusivos desta pesquisa científica. Não haverá cobrança de nenhum tipo de valor para você participar da pesquisa, assim como você também não receberá nenhum tipo de remuneração para tanto. Você tem o direito, caso solicite, a ter acesso aos resultados da pesquisa (Resolução CNS nº 251 de 1997, item III.2.i). Caso a pesquisa resulte comprovadamente em dano pessoal, ressarcimento e indenizações previstos em lei poderão ser requeridos pelo participante (Resolução CNS nº 510 de 2016, artigo 17, II)”.

Suas informações serão sigilosas e analisadas/divulgadas em conjunto com todos os participantes da pesquisa. Em qualquer etapa do estudo, é possível ter acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas, sendo que a pesquisadora responsável é Maria Fernanda Petroli Frutuoso, que pode ser encontrada no endereço: Rua Silva Jardim, 136 sala 205, Vila Mathias – Santos – SP, Telefone: (13) 3229-0210. Se tiver alguma dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP (CEP - UNIFESP) – Rua Botucatu, 740 Sala 557, Vila Clementino, São Paulo, horário de atendimento: segundas, terças, quintas e sextas, das 09:00 às 12:00hs. Telefone: (11) 5571-1062, FAX: (11) 5539-7162 – e-mail: cep@unifesp.br.

O TCLE deverá estar assinado e rubricado pela pesquisadora, uma via do TCLE ficará com o participante e outra via ficará com o pesquisador. 2/2

Eu, _____, certifico que li ou foi-me lido o texto deste consentimento e entendi seu conteúdo. Também sei que qualquer informação obtida será confidencial e acredito ter sido suficientemente informado a respeito do estudo “O estágio na clínica escola de nutrição: percepção e aprendizados dos estudantes”. Ficaram claros para mim quais são os objetivos do estudo, o que será realizado, as garantias de proteção à minha identidade e de esclarecimentos a qualquer momento. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. Foi esclarecido que, em qualquer etapa do estudo, terei acesso ao profissional responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas e que recebi uma via deste Termo. Minha assinatura demonstra que eu, concordei livremente de participar deste estudo. Entendo que estou livre para recusar a participação deste ou desistir a qualquer momento, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido. A participação na pesquisa é voluntária, não acarreta nenhum gasto. Também sei que não há recompensa alguma relacionada à minha participação nesse estudo.

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido desta pessoa.

Ass. Participante: _____

Nome completo do participante: _____

Ass. do Pesquisador que aplicou o TCLE: _____

Nome completo do pesquisador que aplicou o TCLE: _____

Ass. do Pesquisador responsável da pesquisa: _____

Nome completo do pesquisador responsável: _____

Guarulhos, ____/____/____

Apêndice 2

ORIENTAÇÃO E ROTEIRO DAS OFICINAS

Orientações:

- Preparar o local onde ocorrerá a oficina – arrumar o número de carteiras necessárias em forma de círculo, canetas, papéis e telefone móvel para gravação;
- Receber os participantes da pesquisa;
- Iniciar agradecendo a presença de todos e explicar do que a pesquisa trata;
- Distribuir o TCLE, pedir para que façam a leitura, e caso concorde em participar, assine.
- Ressaltar a gravação da oficina e o sigilo das informações, como consta do TCLE;
- Estimular a participação de todos, explicando que todas as opiniões são importantes e que não é necessário que o grupo entre em consenso;
- Observar e anotar informações não verbais;
- Se atentar ao tempo de duração da oficina – no máximo duas horas;
- Finalizar a oficina quando perceber que os assuntos já foram explorados e agradecer a colaboração de todos.

Oficina

Será dividida em dois momentos:

Primeiro momento:

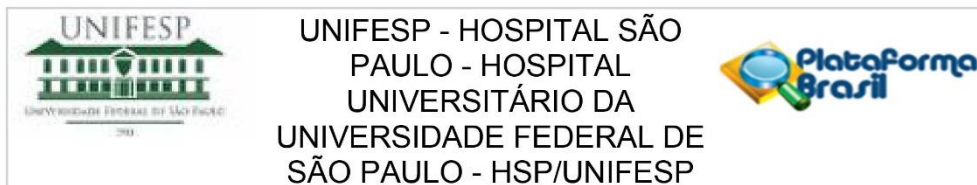
- Solicitar que se apresentem, dizendo o nome e semestre que estão cursando e idade;
- Em seguida dividir os participantes em duplas e iniciar a oficina entregando aos estagiários as fichas para que eles escrevam quais atividades realizadas no estágio da CEN se relacionam com disciplinas estudadas anteriormente durante o curso, como Saúde Coletiva; Educação Alimentar e Nutricional; Avaliação Nutricional; Bases da Nutrição e Dietética; Nutrição, Ciência e profissão; Nutrição e Dietoterapia do Adulto e do Idoso.
- Pedir para colarem as fichas no painel e falarem sobre esta reflexão que fizeram e justificarem;

- Perguntar para as outras duplas, se gostariam de acrescentar algo ao que foi apresentado pelas outras.

Segundo momento:

- Os participantes serão divididos em dois grupos;
- Serão distribuídas fichas para os dois grupos e em seguida solicitado para um grupo que escrevam pontos positivos e negativos relacionados a orientação e supervisão e para o outro relacionado aos protocolos e Manual de orientação utilizado na CEN;
- Serão distribuídas fichas de uma cor diferente para os dois grupos registrarem desafios e inseguranças relacionados ao retorno das atividades presenciais em período de pandemia.
- Em seguida, pedir para colocarem no quadro e discutirem;
- Para finalizar distribuir papéis quadrados coloridos para que os estagiários escrevam uma palavra que caracteriza a experiência do estágio na CEN;
- Agradecer a contribuição e disponibilidade de todos e finalizar a oficina.

Anexo 1 – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ESTÁGIO NA CLÍNICA ESCOLA DE NUTRIÇÃO: PERCEPÇÃO E APRENDIZADOS DOS ESTUDANTES

Pesquisador: Maria Fernanda Petrolí Frutuoso

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 28670420.8.0000.5505

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP/EPM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.939.199

Apresentação do Projeto:

Projeto CEP/UNIFESP n: 0147/2020 (parecer final)

Trata-se de projeto de Mestrado de MARIANA RAMALHOSO ALVES.

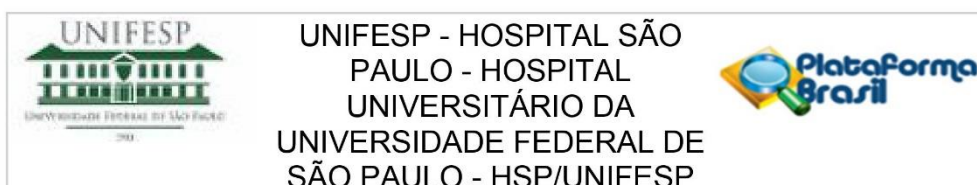
Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Maria Fernanda Petrolí Frutuoso.

Projeto vinculado ao Departamento de Políticas Públicas e Saúde Coletiva, Campus Baixada Santista, UNIFESP.

-As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (<PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1498848.pdf> 01/02/2020).

APRESENTAÇÃO: Nos últimos anos houve um aumento expressivo dos cursos superiores na área de Nutrição no país, sendo necessário refletir sobre o processo de formação deste profissional. Entre as diferentes áreas de formação e atuação do nutricionista, apesar da ampliação nos últimos anos, ainda há pouca valorização durante a formação para a área de Saúde Coletiva, diante do predomínio do saber técnico, biologicista, que prioriza práticas profissionais prescritivas e nutriente-centradas. Ao assumir a área de Saúde Coletiva como uma das grandes áreas da

Endereço: Rua Botucatu, 740
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.023-900
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** cep@unifesp.br



Continuação do Parecer: 3.939.199

formação em Nutrição, as universidades costumam ofertar ações de estágio em setores do SUS – Sistema Único de Saúde, como unidades de saúde da família e núcleos ampliados de saúde da família, e em serviços privados, como as chamadas clínicas escolas das próprias Instituições de Ensino Superior. O objetivo deste projeto é analisar o estágio realizado na Clínica Escola de Nutrição - CEN de uma Instituição de Ensino Superior (IES) particular da grande São Paulo, considerando a percepção do estudante do último ano de graduação em Nutrição. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e descritiva. Serão sujeitos da pesquisa os estudantes do último ano da graduação em Nutrição, que realizarão o estágio na CEN no ano de 2020. Serão duas etapas, sendo a primeira a análise documental da grade curricular atual do curso de Nutrição, avaliando sequência, conteúdo programático e meio de oferta das disciplinas relacionadas à área de Saúde Coletiva; Manual de estágio e protocolos de atendimento utilizados na CEN; Relatórios entregues pelos estagiários, ao final do período de estágio com a avaliação sobre o estágio. A segunda etapa será uma oficina realizada com dois grupos de dez estudantes cada, o que consiste no universo de estudantes que finalizarem o na CEN no primeiro semestre de 2020. A duração prevista para cada oficina é de duas horas. A análise será feita a partir da análise de conteúdo, modalidade temática. Todos os estudantes assinarão termo de consentimento livre e esclarecido. Este projeto ofertará subsídios para aprimoramento e discussão da formação de nutricionistas em Saúde Coletiva tanto para a IES como para as outras universidades do país.

HIPÓTESE: São facilitadores do aprendizado dos estudantes a orientação do supervisor e preceptor do estágio e são dificultadores e/ou limitadores o material de apoio da CEN e a sequência e modo de oferta das disciplinas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Analisar o estágio realizado na CEN de uma IES particular da grande São Paulo, considerando a percepção do estudante do último ano de graduação em Nutrição sobre o processo de ensino-aprendizagem.

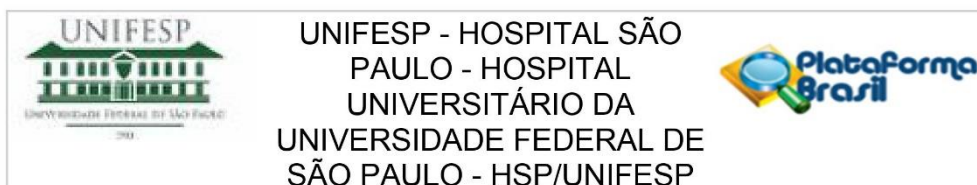
Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em relação aos riscos e benefícios, o pesquisador(a) declara:

Riscos: Esse projeto não causará riscos físicos, prejuízos ou lesões aos participantes. Poderá haver algum grau de desconforto ao falar sobre o tema desta pesquisa.

Benefícios: As informações coletadas poderão trazer benefícios para a sociedade, à medida que se

Endereço: Rua Botucatu, 740	CEP: 04.023-900
Bairro: VILA CLEMENTINO	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062	Fax: (11)5539-7162
	E-mail: cep@unifesp.br



Continuação do Parecer: 3.939.199

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Respostas ao parecer nº 3900816 de 05 de Março de 2020. PROJETO APROVADO.

PENDÊNCIA 1. Incluir no campo “riscos” do formulário de informações básicas que existe risco de quebra de sigilo. Exemplo: “Também há risco de quebra de sigilo dos dados, porém todos os cuidados serão tomados para assegurar que isto não ocorra.”

RESPOSTA: A alteração foi realizada no TCLE e no projeto, tanto na descrição dos riscos na metodologia como no TCLE apresentado ao final. Foi inserido o texto: Também há risco de quebra de sigilo dos dados, porém todos os cuidados serão tomados para assegurar que isto não ocorra. A alteração também foi realizada no formulário de submissão.

PENDÊNCIA 2. Incluir o e-mail da pesquisadora no TCLE para facilitar eventuais contatos

RESPOSTA: O e-mail – fernanda.frutuoso@unifesp.br - foi inserido no TCLE no projeto e no arquivo TCLE.

PENDÊNCIAS ATENDIDAS

Considerações Finais a critério do CEP:

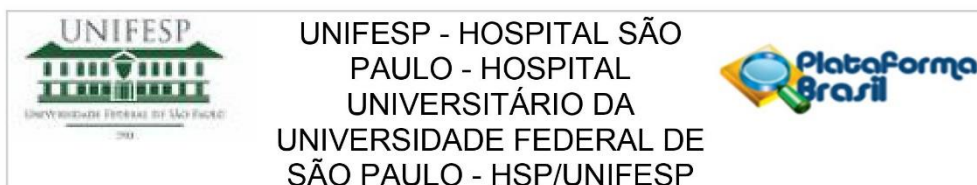
1 - O CEP informa que a partir desta data de aprovação toda proposta de modificação ao projeto original deverá ser encaminhada por meio de emenda pela Plataforma Brasil.

2 - O CEP informa que a partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios parciais (semestralmente), e o relatório final, quando do término do estudo, por meio de notificação pela Plataforma Brasil.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1498848.pdf	06/03/2020 17:30:26		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLEv206mar20.pdf	06/03/2020 17:29:46	Maria Fernanda Petrolí Frutuoso	Aceito

Endereço: Rua Botucatu, 740
 Bairro: VILA CLEMENTINO CEP: 04.023-900
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5539-7162 E-mail: cep@unifesp.br



Continuação do Parecer: 3.939.199

Justificativa de Ausência	TCLEv206mar20.pdf	06/03/2020 17:29:46	Maria Fernanda Petrolí Frutuoso	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetov206mar20.pdf	06/03/2020 17:28:37	Maria Fernanda Petrolí Frutuoso	Aceito
Outros	CARTARESPOSTA.doc	06/03/2020 17:26:58	Maria Fernanda Petrolí Frutuoso	Aceito
Outros	FormularioCEPProjetoCEN.pdf	01/02/2020 13:49:02	Maria Fernanda Petrolí Frutuoso	Aceito
Outros	OrientacaodoCEPAssinaturadachefiase mcarimbo.pdf	01/02/2020 13:48:29	Maria Fernanda Petrolí Frutuoso	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CartadeautorizacaoUniversidadeAnhnaguera.pdf	01/02/2020 13:47:27	Maria Fernanda Petrolí Frutuoso	Aceito
Folha de Rosto	FolhaderostoProjetoCEN.pdf	01/02/2020 13:45:32	Maria Fernanda Petrolí Frutuoso	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 27 de Março de 2020

Assinado por:
Miguel Roberto Jorge
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Botucatu, 740
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.023-900
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** cep@unifesp.br

Anexo 2 – Carta de Autorização da IES para a realização da pesquisa

FACULDADE ANHANGUERA DE GUARULHOS
Campus Rosário: Rua do Rosário, 300 – Bairro: Macedo – Guarulhos – SP – CEP: 07111-080.
Campus Pio XII: Avenida Papa Pio XII, 291 – Bairro: Macedo – Guarulhos – SP – CEP: 07113-000
www.anhanguera.com
(11) 2107-1900

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Carlos Alberto Abrantes, diretor acadêmico, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada: O estágio na clínica escola de nutrição: percepção e aprendizados dos estudantes, sob responsabilidade das pesquisadoras: Mariana Ramalho Alves e Maria Fernando Petrolí Frutuoso, na Clínica Escola de Nutrição da Faculdade Anhanguera de Guarulhos. Para isto, serão disponibilizados ao pesquisador o espaço físico e os documentos necessários para análise.

Guarulhos, 20 de janeiro de 2020

Prof Carlos Alberto Abrantes
Diretor
Faculdade Anhanguera de Guarulhos

Carlos Alberto Abrantes
Diretor acadêmico